

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

GABRIEL NAJHAR DA COSTA

APROPRIAÇÕES DE CULTURAS TRADICIONAIS NOS FESTIVAIS DE MÚSICA
ELETRÔNICA E CULTURA ALTERNATIVA

NITERÓI

2016

GABRIEL NAJHAR DA COSTA

**APROPRIAÇÕES DE CULTURAS TRADICIONAIS NOS FESTIVAIS DE MÚSICA
ELETRÔNICA E CULTURA ALTERNATIVA**

**Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Produção Cultural da
Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção
do Grau de Bacharel.**

Orientador: Prof. Dr. Wallace de Deus

Niterói

2016

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

C837 Costa, Gabriel Najhar da.
Apropriações de culturas tradicionais nos festivais de música eletrônica e cultura alternativa / Gabriel Najhar da Costa. – 2016.
80 f. ; il.
Orientador: Wallace de Deus.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural)
– Universidade Federal Fluminense, 2016.
Bibliografia: f. 79-80.

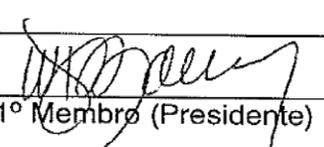
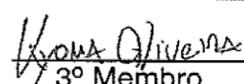
1. Festival de música. 2. Música eletrônica. 3. Cultura. I. Deus, Wallace de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: GABRIEL NAJHAR DA COSTA	Matrícula: 211.33.062
Título do Trabalho: APROPRIAÇÕES DE CULTURAS TRADICIONAIS NOS FESTIVAIS DE MÚSICA ELETRÔNICA E CULTURA ALTERNATIVA	
Orientador: Dr. Wallace de Deus	
Categoria: Monografica	Data da Apresentação: 01/04/2016

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente): Dr. Wallace de Deus
2º Membro: Dr. Luiz Guilherme Vergara
3º Membro: Me. Kyoma Oliveira

AVALIAÇÃO:
Análise / Comentário
<p>A pesquisa tem grande relevância para o curso de Produção Cultural, explorando aspectos relacionados à gestão cultural nos festivais de música eletrônica no Brasil: a abrangência da pesquisa em certos aspectos dificulta a aprofundamento de tópicos específicos. A Banca sugere continuidade de pesquisa.</p>
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):
9,0 (Nove)
ASSINATURAS
 1º Membro (Presidente)
 2º Membro
 3º Membro

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido e amado companheiro Felipe Pimentel agradeço imensamente a parceria, a dedicação e a paciência que teve comigo ao longo de toda a construção desse trabalho. Agradeço também pelas noites em que estive ao meu lado e por sempre acreditar em mim, me tranquilizar e me ajudar. Sou muito grato à vida por ter te conhecido e também por todo o tempo que passamos juntos, você é a peça chave dela!

Aos meus pais, Paulo Costa e Patrícia Najhar, agradeço pela oportunidade de terem permitido que eu tivesse a melhor vida que poderia ter tido, independente de qualquer coisa que já tenha acontecido. Todas as vivências relatadas nesse trabalho só existiram porque vocês permitiram que eu expressasse minha individualidade e independência. O mesmo para as minhas queridas tias Ana Amélia Costa e Débora Najhar e minha madrinha Mônica Najhar, não estaria aqui sem o apoio de vocês.

Aos meus queridos avôs e avós Anna Irene Mandarino, Pedro Secin Najhar e Neyde Costa agradeço do fundo do meu coração por todo o cuidado que sempre tiveram e têm comigo. Vocês me formaram enquanto ser humano e me mostraram muitos valores da vida que carrego até hoje. Sou eternamente grato.

Agradeço também aos meus amigos que estiveram comigo ao longo de toda essa caminhada, Maria Eduarda Monte, Roberta Thiarê, Gustavo Nizzo, Carolina Queiroz, Bruno Bento, Gabriela Borchert, Juliana Scaffa, Luar Perez, Camila Gama e Naiane Mello. Vocês são a família que escolhi. Obrigado pelo companheirismo e pelos momentos vividos.

Índice

1. Introdução (Pg. 7)

- 1.1. Apresentação da pesquisa e definição do tema (Pg. 7)

2. Capítulo I – Sobre a Música Eletrônica (Pg. 11)

- 2.1. Breve história sobre a música eletrônica (Pg. 11)
- 2.2. Os estilos de música eletrônica (Pg. 12)
- 2.3. Os diferentes tipos de festivais de música eletrônica (Pg. 15)

3. Capítulo II – Os Festivais de Música Eletrônica no Brasil Atualmente (Pg. 18)

- 3.1. Panorama dos festivais de música eletrônica (Pg. 18)
- 3.2. Os festivais de Trance psicodélico (Pg. 19)
 - 3.2.1. Universo Paralello Festival (Pg. 21)
 - 3.2.2. Ressonar Festival (Pg. 31)
 - 3.2.3. F.A.K. – Festival Alternativo do Kranti (Pg 37)

4. Capítulo III – A dinâmica e organização dos festivais de música eletrônica e cultura alternativa no Brasil (Pg, 43)

- 4.1. Camping (Pg. 44)
- 4.2. Praça de alimentação (Pg. 50)
- 4.3. Pistas de dança (Pg. 51)
 - 4.3.1. Estilo musicais e Line-Up (Pg. 51)
 - 4.3.2. Decoração (Pg. 54)
- 4.4. Atividades (Pg. 56)

5. Capítulo IV – As apropriações de culturas tradicionais e suas influências nas atualidades (Pg. 59)

- 5.1. A alimentação (Pg. 60)
- 5.2. A liberdade do corpo e mente (Pg. 62)
 - 5.2.1. O uso de entorpecentes (Pg. 63)

- 5.3. A natureza e o meio ambiente (Pg. 65)
- 5.4. A moradia (Pg. 68)
- 5.5. A indumentária (Pg. 69)
- 5.6. As técnicas de Êxtase (Pg. 71)
- 5.7. O Xamanismo e o DJ (Pg. 73)
- 5.8. A confraternização e o sentimento de unidade(Pg. 74)

6. Conclusão (Pg. 77)

- 6.1. O cosmopolitismo (Pg. 78)

7. Referências Bibliográficas (Pg. 80)

Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo informar e fundamentar informações à respeito da presença das culturas tradicionais nos festivais de música eletrônica no Brasil e seus desdobramentos, em especial os festivais de trance psicodélico – que serão discutidos com mais precisão nos capítulos a seguir.

A técnica utilizada nessa pesquisa será bibliográfica com estudo de campo em uma pesquisa-ação. A pesquisa-ação se dá com o pesquisador e o participante se relacionando de modo participativo (ou cooperativo). Será elaborada a partir de livros e da observação participante em três festivais de música eletrônica no Brasil entre os anos de 2013 e 2015.

“Os antropólogos estão convencidos de que, sem a difusão, não seria possível o grande desenvolvimento atual da humanidade.”

(Roque de Barros Laraia, *Cultura: um conceito antropológico*, 1986, pg. 105)

Com a teoria acima apresentada por Laraia, acredito que este estudo faz-se extremamente importante para o desenvolvimento da humanidade, pois houve um intenso estudo de campo e coleta de dados para a construção deste e a partir disso a vontade de exteriorizar esses aprendizados.

“A coleta de dados concretos sobre uma grande variedade de fatos constitui, portanto, um dos principais pontos do método de campo.”

(Alba Zaluar, *Desvendando máscaras sociais*, 1980, pg. 50)

Apresentarei, detalhadamente, os festivais de trance psicodélico – um estilo particular dentro de muitos outros estilos de música eletrônica – no Brasil, com um estudo de campo realizado em três festivais diferentes, entre os anos de 2013 e 2015. O estudo foi realizado nos festivais Universo Paralello Festival em Pratigi – Bahia, no F.A.K. – Festival Alternativo do Kranti em Alto Paraíso de Goiás – Goiânia e no Ressonar Festival, realizado em Lençóis, na Chapada Diamantina – Bahia.

O principal foco são as apropriações de culturas tradicionais nos festivais e suas influências na contemporaneidade, tais como mudanças na alimentação, a liberdade do corpo e mente, os diferentes tipos de moradia, de indumentária, as técnicas de êxtase e também um exercício comparativo à respeito da figura do Xamã e do DJ e suas participações nos rituais. Trabalharei também, em harmonia com todos os tópicos supracitados, a música.

Acredito que a música e os rituais são uma forma de autoconhecimento e autocrítica, agindo de maneira que possamos crescer enquanto seres humanos e evoluir e que, através deles, podemos mudar pensamentos e formas de comportamento, pois desperta em nós a consciência, nos permite pensar e entrar em contato conosco, agir de maneiras diferentes das quais estamos acostumados e sair de nossa zona de conforto.

O principal motivo que me levou a escolher esse tema é o resgate de tradições – como as dos rituais – que buscam a mudança do ser humano e do planeta como um todo. Há muito tempo essas vêm sendo deixadas de lado devido ao fenômeno da globalização.

O oblívio desses rituais, que são realizados pelos índios e têm a cultura mais tradicional do mundo, é extremamente prejudicial, pois eles vêm, há muitos anos, trazendo mudanças positivas para o mundo e para o ser humano, como podemos observar no livro “Através do *Mbaraka*: música e xamanismo Guarani”, em que a autora diz que os rituais guarani lutam pela manutenção do planeta terra como um todo.

“A importância da cultura popular na contemporaneidade deve-se à volta do tradicional, da busca do que era evidenciado apenas por um certo grupo de pessoas, do que era visto como atrasado e rústico. Com o avanço da tecnologia da informação o tradicional ganha um novo contexto, a reconversão como também a refuncionalização redimensionam as manifestações populares no que se refere à construção da identidade...”

(Rúbia Aurenívea Ribeiro Lóssio e Cesar de Mendonça Pereira, A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local, 2007, pg. 6)

O resgate dessas culturas é extramamente importante pois são práticas que ajudaram a formar e construir o ser humano e a sociedade como são hoje, e unido com a atual situação vivida pelo ser humano, buscam uma mudança no nosso atual modo de vida resgatando tradições ancestrais. O despertar da consciência a respeito do esquecimento dessas tradições e as consequências que isso pode causar também é um ponto a ser abordado ao longo do trabalho, pois são assuntos abordados nos festivais de trance.

Os festivais de música eletrônica estão cada vez mais preocupados com a desigualdade, a forma como a sociedade trata o que é diferente daquilo que é tratado nas grandes mídias, e a preocupação com os recursos naturais e com o fato deles serem esgotáveis. São assuntos cada vez mais procurados e abordados pelos organizadores e participantes, pois o público que frequenta esses festivais, é, em sua maioria, extremamente consciente em relação ao planeta, ao próximo e à si mesmo. Lutam pela natureza, pela preservação do meio ambiente e pela desconstrução de paradigmas, estereótipos e preconceitos.

Acredito que é preciso o despertar da consciência e a atenção para os problemas extramamente importantes que o planeta e as pessoas vêm passando nos últimos anos. Pretendo, com esse trabalho, ajudar a desconstrução de uma forma

engessada de viver que vemos tendo, e desejo que ele seja mais um meio para fazer acontecer a mudança que quase todo ser humano sonha em ver no mundo. De um mundo mais igualitário e livre.

Capítulo I

Sobre a Música Eletrônica

Breve História Sobre a Música Eletrônica

Podemos considerar música eletrônica todo e qualquer tipo de música feita ou modificada através de aparelhos eletrônicos. Apesar disso há hoje em dia, bandas que são consideradas de um estilo específico da música eletrônica mas que tocam apenas com instrumentos que não se utilizam de nenhum equipamento eletrônico em suas músicas e apresentações. Um exemplo é a banda Hilight Tribe, que é uma banda de Trance – um estilo de música eletrônica – mas com instrumentos orgânicos e produzidos à mão, muitas vezes por tribos indígenas. Isso nos leva à reflexão da importância do resgate das culturas tradicionais e também à sua integração com os festivais.

As músicas eletrônicas feitas para a pista de dança geralmente possuem batidas marcadas e instrumentos que levam à construção de um outro universo no momento em que estamos ouvindo. Existem muitos estilos e cada um tem suas particularidades. Os estilos principais de música eletrônica que pretendo abordar nesse trabalho são o PsyTrance, Full-On, Dark, House e Techno e as variações de cada um deles.

Sobre o surgimento da música eletrônica de pista, Pedro Peixoto Ferreira diz:

“A música eletrônica de pista possui diversos "mitos de origem", dos quais três se destacam: (1) o que remete suas origens aos "rituais primitivos" de "nossos ancestrais"; (2) o que remete suas origens à tradição erudita (música concreta e eletroacústica); e (3) o que remete suas origens às experimentações de DJs negros e homossexuais de Nova Iorque e Chicago nos anos 70/80.”

(Pedro Peixoto Ferreira, Algumas considerações sobre o estudo das relações entre música eletrônica e xamanismo, 2005, pg. 1)

É extremamente importante ressaltar a formação da música eletrônica a partir dos rituais ancestrais, e também da música erudita e dos DJ's Negros e Homossexuais de Nova Iorque e Chicago nos anos 70 e 80. Isso mostra a diversidade e a pluralidade de expressões artísticas e culturais que a música eletrônica abrange. É um espaço para todos, e este trabalho busca legitimar isso além de mostrar que essa diversidade está presente nos festivais de trance psicodélico atuais, seja através da música ou de práticas tradicionais.

Os Estilos de Música Eletrônica

Apesar de a existirem diversos gêneros musicais dentro do universo da música eletrônica, os principais a serem trabalhados aqui serão somente os que tem destaque nos festivais abordados ao longo do trabalho. São eles: PsyTrance, Full-On, Dark, House, Techno e todas as suas variações e subdivisões dos mesmos. As subdivisões dos gêneros que trabalharei são o Trance, Progressive Trance, Psy-Trance, Goa Trance, Full-on, Full-on Morning, Full-on Night, Dark, Hi-tech, House, Deep House, Tech-house e Techno.

O trance é um estilo musical que surgiu na década de 80 e emergiu no início da década de 90. É um estilo musical em que as músicas são construídas a fim de levar as pessoas à um estado total de transe e integração com a música. Foi um movimento caracterizado pela resistência da geração Hippie que havia eclodido há alguns anos. As primeiras Raves – que são festas caracterizadas por tocarem esse estilo de música em toda a sua duração – surgiram em Goa, na Índia.

A Índia é um país extremamente famoso pela sua religião e espiritualidade, e esse é um dos fatores que contribui para a construção das músicas de trance. Existem

muitos mantras indianos que são tocados com a finalidade de levar às pessoas ao transe. Podemos observar aí, a fusão do movimento Hippie com a espiritualidade, contribuindo imensamente para a formação dos festivais de trance psicodélico tais como são conhecidos atualmente.

Sobre o estado de transe que o Trance leva os ouvintes, Goa Gil – um dos precursores do Goa Trance, disse:

*“Desde os principio dos tempos, os homens usam a dança e a música para se ligarem a natureza e ao universo. Nós estamos usando o Trance para iniciar a reação de consciência... Durante a **experiência trance** (dançando e ouvindo), esperamos que algumas pessoas comecem a ficar mais sensíveis e conscientes de si próprios e das consequências do caminhar da humanidade, assim como das necessidades do planeta... E daí que vem o entendimento próprio e a compaixão. Essa é a necessidade agora, é o verdadeiro estado GOA da mente.”*

Goa Gil em depoimento retirado da internet.

Com o depoimento de Goa Gil, um dos pioneiros no estilo Goa Trance, podemos observar o intuito dos DJ's em despertar uma consciência à respeito das necessidades do ser humano e do planeta, que são pontos cruciais e as bases para os festivais modernos de trance psicodélico.

Os organizadores dos festivais buscam sempre estarem atentos às necessidades do ser humano, e é por isso que os estilos de música eletrônica voltados para os clubes acabaram ganhando seu espaço dentro dos festivais de trance. Hoje em dia, grande parte dos festivais tem pistas de dança dedicadas à estilos musicais de Low Bpm – BPM significa Batidas Por Minuto, o Low BPM se refere à estilos musicais com batidas menos aceleradas que o trance, como por exemplo o House e o Techno.

O House surgiu em Nova Iorque nas décadas de 70 e 80. O termo “House” surgiu devido ao fato do estilo ter começado em um clube chamado *The Warehouse*. As noites eram comandadas pelo DJ Frankie Knuckles, falecido recentemente em 2014 e considerado o pai da House Music. Com batidas marcantes, os DJ’s tocavam para um público extremamente variado, formado por Gays, Latinos e Negros.

A cena clubber – formada pelos frequentadores de boates e clubes de dança – nessa época teve um boom estrondoso, chegando às grandes mídias. Celebidades gays ficaram extremamente famosas, tal como a Drag Queen RuPaul e as Club Kids, que eram adolescentes que se vestiam com diferentes fantasias para ir para as festas e andar pela cidade. Um grande exemplo de um filme que retratou a época das Club Kids é o filme *Party Monster*, estrelado por McCauley Caulkin.

Na mesma época em que aconteceu o boom da House Music nos Estados Unidos, houve também a popularização em massa da substância MDMA, ou Ecstasy, no popular. Aliado ao longo de drogas como a Cocaína e a Ketamina, os comprimidos foram também responsáveis por caracterizar uma das fases mais marcantes da música eletrônica ao redor do mundo e também ganharam muito destaque nas grandes mídias.

O techno, que é um estilo de música eletrônica mais puxado para sons industriais, teve seu surgimento em Chicago na mesma época do House. Apesar do Techno ter sido criado nos Estados Unidos, atualmente seu maior expoente é a Europa, mais precisamente Berlim. A cidade tem o maior club de Techno do mundo, suas festas começam na sexta-feira e terminam quase na segunda, sem parar um minuto. O Berghain, que é como o clube se chama, atrai frequentadores do mundo todo, fãs de música eletrônica que sonham em curtir uma noite dentro dele.

O House e o Techno são sons mais voltados à boates e clubes, e não são o foco principal desse trabalho. Apesar de eles estarem presentes nos festivais de Trance, são dentro de pistas de dança menores.

Os Diferentes Tipos de Festivais de Música Eletrônica

Os festivais de música eletrônica atuais se diferenciam, em sua maioria, pelo estilo musical tocado – que é um fator primordial para a formação do público do festival, a localização onde os mesmos ocorrem e as atividades oferecidas por cada um deles. Escolhi, basicamente, quatro tipos de festivais para serem retratados neste capítulo. Os festivais de EDM, os de Trance e aqueles que só tocam Low BPM.

Os festivais de EDM – Electronic Dance Music, um tipo de música eletrônica voltado para grandes públicos e que envolve artifícios para atingir uma grande massa de pessoas – são, geralmente, eventos que envolvem diversos tipos de ações para que ele se torne um evento extremamente grandioso aos olhos. São os festivais em que os ingressos custam mais caro. Eles podem se localizar dentro de grandes centros urbanos, como o Ultra Music Festival, em Miami, ou em grandes áreas verdes, como o Tomorrowland, na Bélgica.

São festivais que buscam atingir um nível de global de conhecimento – um exemplo são ambos os festivais supracitados terem saído de seus locais de origem para percorrer outros ao redor do globo, e para isso, como carro chefe tocam um tipo de música que não tem tanta profundidade. São músicas de fáceis de ouvir e de serem construídas, pois têm artifícios programados para que elas funcionem bem. Buscam atingir um grande número de pessoas e por isso acabam se tornando músicas um tanto quanto ensaiadas, o que, ao meu ver, é prejudicial para o mundo da música como um todo.

Os festivais de Trance, que são os que serão abordados com profundidade ao longo dos capítulos, geralmente ocorrem afastados dos grandes centros urbanos e tem como carro chefe a música de transe psicodélico, o PsyTrance. São festivais, em sua maioria, que não são itinerantes, pois precisam ter uma estrutura bem definida no local para que a cada edição melhorias possam ser feitas. Não são festivais que sobrevivem só de música, pois podemos os considerar também como festivais de arte e cultura alternativa, devido às diversas atividades que os mesmos proporcionam.

As atividades realizadas vão desde palestras à respeito de entorpecentes até meditações coletivas que buscam melhorias pessoais e externas. Podem contar com cinema, espaço para crianças, feira de arte, stands de artesanato, Yoga, meditações coletivas, Diksha, oficinas e muitas outras coisas que serão melhor especificadas à frente. Buscam, na maior parte das vezes, criar uma conscientização do público à respeito do autoconhecimento, e também sobre o meio ambiente em que vivemos, seja através dessas atividades, das músicas, da alimentação ou da vivência como um todo.

Eles não tem um número tão grande de adeptos, apesar do movimento vir crescendo cada vez mais, pois o estilo de música tocado é extremamente específico e quase sem nenhum apelo comercial, tirando alguns artistas. Alguns exemplos de festivais de trance psicodélico são o Boom Festival, em Portugal, e o Universo Paralello Festival, localizado em Pratigi – Bahia, Brasil, que será um dos festivais abordados ao longo do trabalho com estudo de campo realizado no mesmo.

Os festivais de Low BPM podem se localizar dentro de grandes centros urbanos, tais como o Sónar, que é um festival originário de Barcelona e o Amsterdam Dance Event, que é um festival que para a cidade de Amsterdam durante alguns dias para uma maratona de música eletrônica, tanto quanto em áreas abertas e mais afastadas, tal como o Tribaltech, realizado em Curitiba e o Burning Man, que é um festival extremamente famoso ao redor do mundo e se localiza no deserto de Nevada, nos Estados Unidos.

O Burning Man, apesar de ser um festival focado exclusivamente para o House e o Techno, é um festival que carrega um pouco da essência dos festivais de trance, pois, conforme relatos de amigos próximos, é extremamente sustentável e carrega uma história que gira em torno de amor por trás dele. Dentro, não há nenhum tipo de venda, a não ser gelo. Tudo deve ser levado de casa e em sua maioria das vezes existem diversas trocas, pois há um sentimento de união muito grande com os participantes do mesmo.

Ele também busca a conscientização do ser humano e do planeta, apesar do estilo de música tocado não ser o mesmo dos festivais de trance, o que torna o público completamente diferente, apesar de alguns valores e princípios permanecerem.

Capítulo II – Os Festivais de Música Eletrônica no Brasil atualmente

Panorama dos festivais de música eletrônica

Existem diversos tipos de festivais acontecendo no Brasil atualmente. Sejam eles de EDM, Trance ou Low BPM. Alguns festivais de EDM que se originaram no exterior estão vindo fazer edições brasileiras, tais como o Ultra Music Festival, o Tomorrowland, o Electric Daisy Carnival e o Happy Holi. Podemos observar com isso o crescimento da cena no Brasil. Um grande festival de EDM nacional que tem destaque é o Rio Music Carnival, que acontece no Rio de Janeiro, na Marina da Glória, durante o Carnaval. O festival é organizado pela Rio Music Conference após a conferência. A conferência tem grande destaque no cenário da música eletrônica mundial e atrai artistas e palestrantes de todo o mundo.

Os festivais de Low BPM são menores, mas mesmo assim tem um público fiel e arrancam elogios de diversos artistas, sejam eles brasileiros ou estrangeiros. Um festival brasileiro de destaque é o Tribaltech, realizado em Curitiba. Reune diversos artistas de House e Techno do Brasil e do mundo, além de ter uma pista dedicada ao Trance.

Os festivais de Trance no Brasil tem uma cena que, apesar de não ter muitos participantes se comparado aos festivais de EDM, é extremamente ativa e presente em diversos festivais pequenos, médios e grandes espalhados por todo o território brasileiro e realizados ao longo do ano. Os que tem o maior destaque são o Universo Paralello Festival, realizado a cada dois anos na virada do ano na praia de Pratigi, na Bahia, o Soulvision Festival, realizado em Altinópolis, São Paulo, o F.A.K. – Festival Alternativo do Kranti, que se originou na Chapada dos Veadeiros mas hoje mantém suas edições em Minas Gerais, o Samsara, que também é realizado em Minas Gerais, o Ressonar Festival, realizado na primeira lua cheia do ano em Lençóis – Chapada Diamantina, Bahia, e o festival Mundo de Oz, que esse ano, pela primeira vez, mudou sua locação, mas ainda assim será realizado em Minas Gerais.

Destaco aqui a importância dos festivais de trance se manterem nos mesmos locais, para que melhorias possam ser feitas a cada edição que passa. Outro ponto que

é importante destacar é que, com isso, os festivais movimentam a economia local e a participação e integração de comunidades locais na construção do mesmo. No Universo Paralello Festival, por exemplo, existem moradores das comunidades ao redor de Pratigi que hoje em dia são até DJ's, como o Osmar Pratigi, que sempre toca na pista 303 do festival, que é uma pista dedicada à estilos mais pesados de trance, como o Goa Trance.

Os festivais de trance psicodélico

O título deste tópico é o assunto principal a ser discutido. Os festivais de trance psicodélico são caracterizados por se localizarem fora dos grandes centros urbanos, em áreas rurais afastadas, que permitam uma conexão maior do ser humano para com a natureza, e um escape da sociedade caótica que a maioria dos participantes vive. Tem como proposta uma vivência em comunidade de uma forma completamente diferente da que estamos acostumados, pois há uma mistura de diferentes culturas e além disso provoca uma ruptura em nossa rotina, nos permitindo expandir nossos pensamentos e forma como enxergamos determinados comportamentos e ações.

Esses festivais se formaram após o momento de maior exaltação do movimento hippie, quando diversos adeptos do movimento se encontraram em Goa, Índia, para realizarem festas nas areias das praias, após viajarem ao redor do mundo.

“Em decorrência da busca de “autonomia crítica da consciência” foram muitos os que deixaram seus países e colocaram-se a viajar pelo mundo. Algum tempo depois, em Goa (Índia), muitos viajantes se encontraram e realizaram festas psicodélicas nas areias da praia,... Esses encontros deram origem ao “Goa Trance” e as festas de “trance psicodélico”.

(Ana Flávia Nogueira Nascimento, Paraíso Psicodélico, 2005, pg. 2)

O espírito Hippie, está presente em sua essência nos festivais de trance psicodélico atuais. As pessoas que fizeram parte desse movimento lutaram por ideais de liberdade do corpo e mente, seja através de filosofias, tais como o respeito à natureza e ao corpo e mente, ou através do uso de substâncias entorpecentes. Sobre isso, Carneiro diz:

"O movimento hippie (psicodélico) representou uma defesa política da autonomia sobre a intervenção psicoquímica voluntária contra a política oficial do proibicionismo estatal que retira do indivíduo o direito de escolha sobre a estimulação química do espírito"

(Henrique Carneiro, A Odisséia Psiconáutica, em O Uso Ritual das Plantas de Poder, 2005, pg. 7)

O movimento Hippie buscou ir contra a cultura de massa, sempre tentando fazer com que as características principais fossem a da Paz e a do Amor. Com isso, observamos que existia sempre o respeito ao próximo, o que permite aos festivais de trance psicodélico a junção de diferentes tribos e culturas pois a maioria dos participantes tem isso como princípio. Permite que a união seja feita e a vivência em comunidade, independente das diferenças, seja respeitada e realizada.

Os pontos que mais diferenciam os festivais de trance de outros estilos de festivais de música eletrônica são o fato de tocarem um estilo musical que não tem a menor divulgação nas rádios, que é o trance psicodélico, o fato de serem festivais multiculturais, com a presença de diversas atividades tais como cinema, galerias de arte, palestras, círculos de cura, meditação, Yoga, dentre muitas outras. Têm a presença da cultura psicodélica muito viva, do respeito à natureza e ao próximo – quase não se vê brigas nos festivais, existe uma consciência muito grande à respeito

da alimentação vegetariana, sem sofrimento para os animais, do uso de produtos de limpeza e beleza que são menos agressivos.

Destaco também o fato da moradia dos participantes serem barracas. Além de terem que levar toda a indumentária, tem que levar todo o equipamento necessário para os dias em que ficarão acampados. Os festivais possuem estrutura com banheiros, chuveiros, praça de alimentação, pistas de dança e as atividades multiculturais descritas acima.

Além disso, existe também o fato de drogas que não são legais aos olhos do estado estarem presentes com muita frequência, o que deixa os participantes mais conscientes à respeito de si mesmos, do que podem e devem ou não usar. É um espaço para troca e conhecimento, mas com respeito ao próximo, acima de tudo.

Universo Paralello Festival

O Universo Paralello Festival é um festival de música eletrônica e cultura alternativa que se realiza a cada dois anos, na virada do ano, na praia de Pratigi – Bahia, Brasil, e foi o primeiro que tive o prazer e a oportunidade de participar. A edição que fui foi realizada entre os dias 27 de Dezembro de 2014 e 04 de Janeiro de 2015. Esse contato inicial me permitiu iniciar a pesquisa de campo do assunto que está sendo estudado neste trabalho.

É um festival mundialmente conhecido que atrai pessoas de diversos lugares do mundo e não só brasileiros. As informações, como podemos observar nos posts do Facebook e no site oficial, estão sempre em duas línguas a fim de facilitar a entrada de estrangeiros, assim como há uma portaria dedicada exclusivamente para eles. Podemos observar, com isso, que existe uma diversidade cultural muito grande dentro do festival, pois com a vinda de estrangeiros novas culturas também chegam junto.

O festival acontece dentro da maior fazenda de coqueiros da Bahia – informação cedida por um DJ que conheci no festival –, e ocupa em média três quilômetros de extensão da faixa de areia, como pude observar e conversar com algumas pessoas

que estavam envolvidas na produção do mesmo. É um lugar extremamente bonito e paradisíaco, com diversos coqueiros, mangues e a praia. Suas características mais marcantes são, além das atividades e instalações realizadas, a presença de 5 pistas dedicadas à música eletrônica e a vivência de estar dentro de uma pequena cidade montada em uma praia paradisíaca afastada dos grandes centros urbanos. Um espaço de grande destaque do festival é o Circulou que, como dito no fanzine – uma espécie de livro/guia que é dado aos participantes na entrada, contendo toda a programação – “é um espaço para concentração de energia em função da arte e transformação dentro do ser humano”.

Conta com dez espaços diferentes, sendo eles: a Aldeia Circulou, que é um espaço dedicado à preservação de culturas tradicionais e psicodélicas; o Circulinho, que é o espaço dedicado para as crianças; a Ladeira Circulou, que é o lugar de valorização e preservação da cultura Baiana – como o Acarajé, a Capoeira, o Candomblé, artesanatos locais e uma casa de Cordel; a Cozinha Comunitária, equipada com todo o necessário para que as pessoas que desejam cozinhar seu próprio alimento o façam – e que também conta com banheiros ecológicos e um Jardim Sensorial; a Galeria Paralella, um espaço para que artistas psicodélicos e visionários possam expor seus trabalhos; um espaço multimídia que permite que VJ's e produtores de vídeo apresentem seus trabalhos, como instalações multimídia, vídeo projeções e mapping; o Círculo de Cura, onde são realizadas atividades como Yoga, meditação, rituais e terapias com práticas de cura; a Zona Espetacular, dedicada à espetáculos, performances, intervenções e apresentações folclóricas; o Bambú Multicultural que realiza diversas atividades relacionadas ao corpo e mente, além de performances de teatro e circo; e o Círculo Solidário, que promove o intercâmbio cultural com a população da região da Costa do Dendê, com pessoas envolvidas no Circulou levando informações e entretenimento às comunidades locais e trazendo diversos artistas delas para expor. Podemos observar, com isso, que o festival movimenta e resgata a cultura local, fator importantíssimo nos dias atuais, pois as culturas tradicionais vêm sendo cada vez mais deixadas de lado.

A praça de alimentação contava com mais de 20 restaurantes e haviam diversas opções como risotos, pizzas, massas, pastéis, batatas assadas, strogonoff, doces, bebidas, além de dois restaurantes dedicados exclusivamente ao veganismo e vegetarianismo. Estava localizada atrás da faixa de areia do festival, na fazenda em si, e ficava ao lado do Main Floor. Uma das barracas de mais destaque do festival era a da pizzaria chamada Pizzeria Degli Elfi – em português, Pizzaria dos Elfos –, que é organizada por uma família de italianos. Montam um stand de pizzas na pedra, resgatando a cultura tradicional da Itália e são famosos nos festivais de música eletrônica e cultura alternativa devido à serem itinerantes. Já estiveram presentes em diversos ao redor do mundo, tal como o Boom Festival, em Portugal. Isso nos permite observar que a diversidade cultural também está presente na alimentação.

Os banheiros são construídos de forma mais sustentável, pois não utilizam descarga e conseqüentemente, água. São banheiros secos, construídos em cima de fossas, e seus dejetos podem ser reaproveitados e utilizados como compostagem após o festival. Os chuveiros são comunitários e a água deles vem do mangue, o que a deixa com um cheiro muito característico. São muitos chuveiros e banheiros espalhados, e por isso as filas são pequenas e não duram muito tempo, nos permitindo usar o banheiro e chuveiros à qualquer hora do dia.

Como carro chefe do festival temos as pistas de dança, que promovem rituais extremamente intensos de dança. Nesta edição foram cinco pistas: a Tortuga; Chill Out; 303 Stage; UP Club; Main Floor e um palco, o Palco Paralello, para apresentações de bandas e artistas fora do circuito da música eletrônica.

Tortuga é um espaço dedicado à fomentar o lançamento de novos talentos e divulgar festas do cenário underground de diferentes cidades brasileiras, tocando variados estilos de Low BPM, como House, Techno e Bass. Estava localizado ao final da ponte que integrava a praça de alimentação com a praia.

O Chill Out é, ao lado do main floor, a pista mais tradicional do Universo Paralello e de outros festivais. Está sempre presente e conta com diversos ritmos musicais, não só música eletrônica, tal como o Balkan e músicas meditativas. A

proposta do espaço é a de desacelerar o BPM tocado nas outras pistas, a fim de que as pessoas possam relaxar, como sugere o nome (Chill Out é uma expressão da língua inglesa que podemos entender como “relaxe”), e estava localizada também na faixa de areia, logo após a ponte que ligava a praça de alimentação à praia.

O 303 Stage é a pista de música eletrônica dedicada à estilos mais acelerados e com batidas mais intensas e pesadas, tal como o Goa Trance, o Dark e o Hi-Tech. Além desses, também há a presença de diversos artistas de Progressive PsyTrance e suas variações. É uma pista que se localiza na faixa de areia da praia e tem uma das mais belas vistas para aqueles que estão indo a fim de curtir sons com o BPM mais elevado.

UP Club é a segunda maior pista de dança do festival, e os estilos de música que tocam são o House, Techno, Minimal e suas vertentes. É uma pista de dança que evoluiu de uma pista “alternativa”, pois atualmente podemos considerar a segunda pista principal do evento. Atrai um público de pessoas específico que, em sua maior parte, vai exclusivamente para se dedicar ao Low BPM – uma terminologia mais geral dos estilos tocados nessa pista. É a última pista do festival e fica na extremidade do mesmo, também localizada na faixa de areia.

Main Floor é, como dizem os organizadores e participantes, o coração do festival. É o lugar onde ocorrem as maiores trocas energéticas e é a única pista do festival que não está perto do mar, o que nos leva à um outro estado durante as experiências de transe pessoais e coletivas que ali acontecem. É uma pista dedicada exclusivamente ao Progressive Psy-Trance, Full-on, Dark e suas variações e conta com a maior estrutura de todas elas, é a maior pista. Fica ao lado da praça de alimentação e tem uma passagem atrás do palco construída diretamente para a praia.

O Palco Paralello é um espaço para bandas e performances musicais que não são obrigatoriamente construídas a partir de instrumentos eletrônicos. A programação conta com diversos shows, indo do Forró ao Rap, passando por bandas que entoam mantras meditativos, como Pedra Branca. Um dos pontos de maior destaque nesse

palco foi o show do cantor Criolo, que mistura elementos da cultura urbana com a bossa nova e outros ritmos.

Cheguei no festival na madrugada do dia 27, quando os portões iriam abrir, e a primeira coisa que me deparei foi com uma enorme fila de pessoas carregadas de equipamentos de camping esperando para que a entrada fosse autorizada. Antes do horário previsto, começaram a troca dos ingressos pelas pulseiras e autorizaram as primeiras pessoas a entrarem no festival. Demorei cerca de 5 horas para entrar, o processo da troca dos ingressos pela pulseira era extremamente demorado, além disso tivemos que enfrentar outra fila para passarmos pela revista das mochilas e equipamentos para que aí sim pudessemos entrar no festival.



(Fila da 13ª edição do Universo Paralelo Festival. Fotografia tirada por mim, por volta das 06:00 do dia 27/12/2013.)

Uma vez dentro, fizemos uma caminhada até o ponto em que alguns amigos iam acampar, mas como não os achamos acabamos indo em direção ao restaurante de um

amigo e acampamos todos próximos. Essa primeira experiência de andar o festival inteiro de ponta a ponta com a mochila nas costas foi extremamente cansativa, mas me permitiu testar os limites do meu corpo no sol escaldante da Bahia e também a conhecer detalhadamente cada ponto do festival.

Montamos nossa barraca em um dos poucos locais com sombra – a sombra, no Universo Paralello, é um “artigo de luxo”, pois o sol é escaldante. A partir do momento em que o sol está nascendo já podemos sentir calor dentro das barracas, e ter uma área de camping com sombra foi algo que tornou a experiência muito mais prazerosa e proveitosa.

Após montarmos nossas barracas, almoçar e nos instalarmos, nos arrumamos para irmos em direção à pista UP Club. Os três primeiros dias de festival foram vividos com intensidade nessa pista, pois eram os dias em que a pista recebia os artistas mais conceituados que iriam tocar naquela edição. A vivência nessa pista foi extremamente enriquecedora em diversos aspectos. Além de fazer diversos novos amigos, pude ouvir Sets de DJ's que admiro muito o trabalho e que somaram para minha experiência enquanto estudante e pesquisador.



(Pista UP Club. Foto tirada por Silvio Sato, retirada da internet.)

Quando a efervescência da UP Club já havia passado comecei a frequentar mais o Main Floor, assistindo alguns artistas de Trance que já conhecia e gostava. O momento mais marcante do Main Floor foi na virada do ano, do dia 31 de Dezembro de 2013 para o dia 01 de Janeiro de 2014, onde artistas de extrema importância para o Trance mundial tocaram, permitindo que a pista de dance entrasse em um transe coletivo durante toda a madrugada até a manhã. Foi, para mim, a experiência de transe mais marcante que já tive, pois pela primeira vez entrei em contato com as minhas raízes, dançando descalço com os pés na terra e de olhos fechados, sentindo a conexão da música comigo, com a natureza e com o ambiente ao meu redor.



(Pista principal (Main Floor) do Universo Paralello Festival. Fotografia tirada por Enzo Nogueira, retirada da internet.)

Houve certo momento que perdi a noção de tempo e de espaço, estava tão imerso dentro da experiência de transe que quando reparei o dia já estava clareando, e a maioria dos meus amigos já havia ido embora. É como dizem, a primeira vez a gente nunca esquece. A partir desse momento foi quando soube que o meu destino nos próximos anos seria de intensas vivências e pesquisas em festivais de música eletrônica. Foi uma experiência renovadora, que me permitiu sair da pista de dança sem absolutamente nada na minha cabeça, apenas a sintonia com a música e a natureza ao meu redor. Foi um momento decisivo em minha vida, e muitas mudanças ocorreram em mim a partir daí, tal como adotar um estilo de vida mais consciente em relação à natureza, seja na alimentação, nas vestimentas e até mesmo na forma de viver.

Após o momento de maior intensidade do festival, pude observar que o mesmo foi esvaziando. Muitas pessoas haviam ido apenas para a celebração da virada do ano, e não para ter a vivência completa. Isso me fez reparar em como o público mudou, ele foi se tornando visual e energeticamente cada vez mais próximo da cultura Hippie. Gosto de considerar essas pessoas como a verdadeira essência do festival, aqueles que estão ali lutando pela resistência e sobrevivência do mesmo, que veem aquilo como uma experiência de total imersão em uma nova realidade e não só uma celebração da virada do ano.

O Universo Paralello é um festival extremamente enriquecedor para o espírito do ser humano. Dentro dele sentimos liberdade de corpo e alma, podemos ser nós mesmos sem medo de sermos julgados por não estarmos adequados àquilo que a mídia de massa impõe como o “correto”, é uma luta de resistência contra a massificação da cultura. Resistência é a palavra que podemos usar para definir esse lugar, pois ele vai contra tudo aquilo que hoje em dia nos é imposto para aqueles que nascem dentro de uma sociedade capitalista como a que nasci.

Dentro dele podemos andar pelados, usar substâncias legais e ilegais, ter experiências sensoriais que não temos a oportunidade de ter na nossa rotina e conhecer novas e diferentes culturas. É um lugar que fica parado no tempo e espaço por 9 dias, regido pelas suas próprias regras e rodeado de paz, amor e música. Emana boas energias para o mundo e faz com que a mudança que a maioria dos seres humanos sonha aconteça, que é a de um mundo mais justo e igualitário, sem brigas e com o respeito e a paz acima de tudo.



(Chill Out do Universo Paralelo Festival. Fotografia por Victor Ventura, retirada da internet.)



(Chill Out do Universo Paralelo Festival. Fotografia por Murilo Ganesh, retirada da internet.)

Ressonar Festival

O Ressonar Festival é um festival anual de cultura alternativa e música eletrônica que se realiza em Lençóis – Chapada Diamantina, Bahia, e começa na primeira lua cheia do ano. As chapadas são lugares famosos pelos seus destinos turísticos intimamente ligados à natureza, assim como o misticismo que está presente em alguns lugares das chapadas brasileiras, que foram fatores que contribuíram para a escolha do local de realização desse festival.

O local em que o Ressonar Festival acontece é chamado de Cratera Lunar, um espaço cercado por vegetação e com o solo formado, basicamente, por argila branca. O nome do lugar é devido ao fato da superfície do solo se parecer muito com a da lua. É um terreno completamente desigual e com crateras, por isso o nome. Fica há mais ou menos quinze minutos a pé do centro da cidade e é um dos lugares mais diferentes e inusitados em que já tive a oportunidade de participar de um festival de trance psicodélico.

Minha experiência no Ressonar se dividiu em duas partes, a primeira delas foi em Janeiro de 2014, logo após a edição de 2013 do Universo Paralelo Festival. Essa foi apenas uma vivência de um dia, na qual saí durante a noite do Vale do Capão – um vilarejo também na Chapada – em direção à Lençóis. Cheguei no festival acompanhado da Caravana Arco Íris – uma ONG itinerante que, com o ônibus chamado Wiphala, percorre o país e a América do Sul lutando pela educação ambiental e também sociopolítica do ser humano – para podermos ficar na pista de dança durante a noite e buscar algumas pessoas que iriam entrar na caravana após o festival.

Ao chegar no festival, a primeira impressão que tive é que o lugar carregava uma energia muito boa. Saltamos do ônibus em um estacionamento com chão de terra em direção à entrada e alguns integrantes da caravana foram entrar em contato com os responsáveis pela entrada para saber como funcionaria para passarmos apenas aquela noite. Os organizadores do festival, por saberem da importância e já terem participado da Caravana Arco Íris Pela Paz, autorizaram a entrada de todas as pessoas ali presentes por um valor simbólico. Quando entramos, subimos por uma escada feita de

pedra e terra enorme, e já podíamos ouvir ao fundo a música eletrônica pulsando nas pistas de dança. Consumi um pouco de uma substância chamada popularmente de LSD, a fim de ajudar a compor a experiência do transe na pista de dança.

O festival estava com uma belíssima decoração psicodélica e logo ouvimos o trance tocando ao fundo em uma das pistas. Fiz, ao lado de amigos, uma pequena visita ao festival, passando primeiramente pela praça de alimentação para podermos comer alguma coisa para aguentar dançar até o dia seguinte, e depois pelas pistas de dança e instalações artísticas que haviam naquela noite que, segundo o organizador, seria a maior noite do festival, seu auge. Chegando na pista de dança principal, o Trance Temple, pude observar que existiam pessoas de variadas etnias e também que o lugar não era há muito habitado pelo ser humano, pois haviam diversos insetos e animais ao redor da pista e presos à decoração. A música que tocava nesta pista de dança era o Trance Psicodélico - e suas variações, como o Dark, Hi-Tech e Full On Night. A decoração, que era composta por elementos psicodélicos, tais como luzes negras, instalações com panos em neon e obras de arte, foi um fator também muito importante para a composição da energia da pista naquela noite.



(Pista de dança do Ressonar Festival na noite do dia 18 de Janeiro de 2014. Foto tirada por mim.)

Ao decorrer da noite, o ritual de dança foi cada vez se intensificando mais e o consumo de substâncias, tais como o LSD e o MDMA aumentou, tal como pude observar. Aliado à essas substâncias, a cannabis e diversos derivados do THC – princípio ativo da mesma – estavam presentes durante toda a noite. O THC é uma substância muito consumida nos festivais de música eletrônica, seja em forma de flores de cannabis, haxixe ou óleos. Mesmo ilegal, os participantes utilizam a mesma com muita intensidade, e podemos observar com isso um movimento de resistência e luta contra as atuais leis vigentes na sociedade que vivemos.

A pista ficou cheia até de manhã, com a maioria dos participantes com um sentimento de paz e união, como pude observar após conversar com algumas pessoas e descobrir os intuitos das mesmas à respeito do porque estarem ali. A maioria das pessoas, incluindo eu, estava ali em busca de uma melhoria de si mesmo e do mundo ao seu redor - a partir de mudanças de atitudes e pensamentos que nos ajudem a construir novas formas de vivência. Após intensas horas dançando, fui em direção ao Chill Out – uma pista de dança dedicada à estilos musicais mais calmos, com mantras

indianos, músicas balcãs, dentre outros estilos – para descansar, e encontrei alguns amigos que estavam comigo no Universo Paralello. Conversamos um pouco e retornei ao Wiphala em direção ao Rio de Janeiro.

A segunda experiência que tive no Ressonar aconteceu em Janeiro de 2015 e foi uma vivência completa, não só de uma noite. Fui para trabalhar no restaurante de comidas vegetarianas e veganas de um amigo, o que me permitiu estar mais próximo da produção do festival pois pude observar e ajudar na construção do mesmo.

Cheguei mais cedo ao Festival – no dia anterior, antes de os portões abrirem – para ajudar a erguer e decorar o restaurante. Montei minha barraca em um local que foi decidido conjuntamente acampar pelos meus amigos e outras pessoas que estavam trabalhando junto conosco e após isso passamos para a montagem do mesmo. O festival deu uma estrutura básica de bambus para que pudessemos montar o restaurante, com um balcão e uma pia. A partir daí, tivemos que carregar os fogões, fornos, panelas, e todos os outros equipamentos necessários. Após a estruturação física do restaurante, passamos à decoração, que foi basicamente constituída por cangas indianas, jutas, sisais e bandeirinhas tibetanas, além de esteiras de madeira para as pessoas sentarem, almofadas e narguilés.

Com essa experiência, pude observar o intenso trabalho de todos para que o festival fosse construído de uma forma especial e única. Todas as pessoas, incluindo o organizador principal do festival, estavam trabalhando intensamente, a fim de todos os detalhes estarem finalizados para a abertura no dia seguinte.

O festival estava dividido em três pistas, Chill Out, Trance Temple e uma pista dedicada ao Low BPM, onde tocava House e Techno. O estilo predominante de Trance tocado no Trance Temple nessa edição era o Dark. Contou também com o camping, banheiros e chuveiros, restaurante comunitário, praça de alimentação, galeria de arte, cinema, espaço para crianças, além de palestras, oficinas e atividades, tal como a Yoga pela manhã.

A abertura do festival se deu no dia seguinte, com intensa reclamação do público pela música eletrônica não começar no dia que os portões abriram, sem que

isso tivesse sido previamente informado. Isso aconteceu pois muitos dos participantes – inclusive eu – foram para lá desavisados, sem saber que Ressonar é um festival que busca enaltecer a cultura alternativa como um todo, e não só a música eletrônica. Durante os seis dias de festival, apenas três tiveram música eletrônica, os três dias finais. Nos primeiros dias, o festival contou com o Chill Out em funcionamento, além de todas as outras atividades que o mesmo oferecia, citadas acima.

Pude observar, nesta segunda ida, o crescimento do festival de um ano para o outro, seja no tamanho de seu projeto ou do público. Com isso, apesar de toda a magnitude que o festival tomou em suas diversas áreas de atuação, alguns pontos foram prejudicados, tal como a saúde dos participantes. Ocorreu um surto coletivo de virose dentro do festival e muitos dos participantes, incluindo eu, ficaram extremamente doentes. Houve muita diarreia e enjôo, o que me fez ficar três dias do festival de cama. Infelizmente não pude trabalhar e perdi os melhores dias da pista de dança.

A pista de dança do Ressonar conta com uma performance de abertura que é extremamente rica e bonita, marcando o início da música eletrônica e dos rituais que ali serão realizados. Abaixo algumas fotos da performance/ritual de abertura:





(Fotografias do ritual de abertura da pista de dança principal (Trance Temple) do Ressonar Festival 2015.
Retiradas da internet, autores desconhecidos.)

Ambas as minhas experiências no Ressonar foram extremamente enriquecedoras. Pude observar com mais precisão a consciência do público à respeito da alimentação, devido ao fato de estar trabalhando no restaurante. Diversas pessoas, incluindo os participantes, DJ's, organizadores e artistas foram ao Terra Viva, o restaurante no qual trabalhei, em busca de uma alimentação sem crueldade. Esse é um dos pontos que faz do Ressonar um dos meus festivais brasileiros preferidos.

F.A.K. – Festival Alternativo do Kranti

O F.A.K. – Festival Alternativo do Kranti – ou Kranti, como carinhosamente é chamado pelos frequentadores – é um festival anual que se realiza, atualmente, em Minas Gerais. Começou em Alto Paraíso de Goiás, na Chapada dos Veadeiros – Goiás, assim como o Universo Paralello Festival, mas ambos migraram para outros lugares. Na edição de 2014 em que fui, o festival foi realizado em um Hotel Fazenda chamado Hotel Fazenda Águas Frias, que ficava próximo ao centro da cidade, no mês de Julho. Seu público é um pouco maior em quantidade de participantes que o do Ressonar, porém ainda assim, menor que o Universo Paralello mas tão diversificado quanto o de ambos.

O festival resgata e perpetua as raízes do trance psicodélico no Brasil, sendo, ao lado do Universo Paralello, um dos festivais de trance psicodélico mais antigos que ainda existem no país. O organizador, chamado Kranti, viveu e conviveu com as primeiras festas de Goa Trance, na Índia, e começou, na Chapada dos Veadeiros, edições comemorativas de seu aniversário e como after do mais antigo e conhecido festival de trance brasileiro, o Trancendence, que também começou na mesma região. Podemos observar no texto abaixo, retirado do site oficial do festival, uma declaração do organizador à respeito das afirmações acima:

“Cheguei na Índia no verão de 89-90 e logo conheci as festas de Goa Psychedelic Trance. De início me pareceram estranhas com suas sonoridades eletrônicas,

embora me fascinaram visualmente pelas pinturas fluor e malabares de fogo. Devagar passei a frequentá-las, em Goa, levadas por Goa Gil, dentre outros, e em Poona por Antaro (Spirit Zone, Voov) dentre outros...”

(Declaração do organizador, Kranti, retirado do site oficial do festival)

Ao chegar na estrada de terra que levava à fazenda em que aconteceu a décima quinta edição do F.A.K., encontramos um engarrafamento que nos fez descer do carro e ir andando até a portaria do festival. Chegando na porta, a troca dos ingressos pelas pulseiras que temos que usar durante todo o evento se deu de maneira extremamente tranquila, assim como a revista das mochilas e equipamentos. Após isso, tivemos uma leve caminhada em direção ao festival.

Chegando no festival, observei o melhor local para acampar e descobri que o Kranti, diferentemente do Ressonar e do Universo Paralello, possuía uma única área exclusiva para o camping. Era perto de um campo enorme, muito agradável, em meio à muita vegetação do cerrado, o que permitia que a vista do céu fosse uma visão única, muito especial, principalmente à noite.



(Área de camping do F.A.K. – Festival Alternativo do Kranti. Fotografia por Patrick Gomes na edição de 2012, retirada da internet.)

Após montar a barraca e me instalar no festival, fui conhecer o mesmo para descobrir como eram organizadas as pistas de dança, onde ficavam os banheiros, chuveiros, praça de alimentação, e também me informar sobre as atividades que seriam realizadas. Pude notar que o festival tinha três pistas, uma ao lado da outra, sendo a pista principal dedicada ao Psy-Trance e suas vertentes, funcionando 24 horas por dia, outra dedicada ao Dark, que só funcionava durante a noite, e uma pista de dança que se dividia entre Chill Out durante o dia, e Low BPM durante a noite.

Próximo ao Main Floor – a pista de dança principal – havia uma feira com pessoas vendendo diversos tipos de artesanato, além de incensos, fumos, roupas e outros artefatos presentes na cultura alternativa, como cartucheiras e cachimbos. Perto da feira, havia um pequeno caminho que levava em direção à uma galeria de arte, que contava com uma fogueira no meio e diversas telas com arte psicodélica. Fui à essa galeria em uma das noites do festival e foi uma experiência extremamente bonita, agradável e enriquecedora. Ao olhar para as obras, as mesmas exerceram um poder questionador sobre minha mente, o que me levou à diversas reflexões e foi um

momento extremamente especial. Um pouco mais à frente, havia uma piscina natural e um gramado que as pessoas usavam para se reunir, confraternizar e descansar, além de praticarem Yoga e outras atividades.

A praça de alimentação do F.A.K. ficava ao lado da feira de artesanato e tinha um restaurante à kilo, uma pizzaria, uma creperia, uma loja de chapatis, além algumas outras poucas opções de alimentos. O espaço era extremamente pequeno e um pouco mal projeto para a quantidade de pessoas que o festival esperava receber naquele ano, principalmente por ser uma edição que celebrava os 15 anos de existência do mesmo. Não havia nenhum restaurante ou barraca dedicada à alimentação vegetariana, o que me fez ficar extremamente decepcionado, pois além de acreditar que é um princípio básico da cultura alternativa oriunda dos resquícios hippies, eu também estava no momento de transição para o vegetarianismo e foi uma experiência um tanto quanto difícil.

Os banheiros e chuveiros foram pontos muito negativos no festival. O público aproximado e divulgado na época era de aproximadamente 4 mil pessoas, e haviam apenas 4 chuveiros masculinos, 4 femininos, além de 6 banheiros masculinos e femininos. As filas duravam horas, chegando as pessoas à venderem seus lugares na fila, de tanta a demora. Os banheiros e chuveiros estavam muito sujos e com um fluxo muito intenso, e isso contribuiu muito negativamente para essa experiência, pois fiquei aproximadamente quatro dias sem tomar banho.

Outro fator negativo dentro do festival foi o fato de policiais terem invadido o mesmo na primeira noite, sem autorização, para levar um ônibus cheio de usuários de drogas ilegais para assinar um termo que os classificava usuários. Isso contribuiu para que a atmosfera do festival ficasse um pouco pesada, mesmo com a energia positiva que os participantes emanavam. Alguns amigos ficaram extremamente apreensivos, pois os festivais são conhecidos por serem lugares onde a liberdade física e mental do ser humano está sempre presente.

A pista de dança do Kranti era um espaço extremamente energético e com rituais muito intensos realizados durante todo o dia e noite. Minhas melhores

experiências foram durante a noite, onde pude, embalado pelo som do Trance, entrar em total estado de transe e conseguir sentir os 7 chakras que a filosofia da Yoga acredita. Em uma das noites pude sentir a energia que estava pulsando pelo meu corpo, dos pés à cabeça, e foi a experiência de transe mais forte e enriquecedora que já tive até hoje. Me permitiu entrar em contato comigo mesmo e questionar diversos valores à respeito de mim, e da natureza.

Durante os rituais tive a oportunidade de usar diversas substâncias químicas psicoativas, tal como o LSD e o MDMA, além da descoberta de uma nova substância chamada 2-CB, que tinha efeitos similares à uma mistura das duas primeiras substâncias citadas. Ao longo do festival, consumi também muito haxixe e cannabis, dois tipos de fumo que tem a substância THC como princípio ativo, além de tabaco.

Apesar de algumas coisas terem contribuído para que o festival não saísse como o planejado, a experiência foi, como um todo, extremamente enriquecedora. A localização do mesmo era um dos pontos positivos que superou toda e qualquer falha que o mesmo possa ter tido. O espaço contava com, além de todas as atividades fornecidas pelo mesmo, duas cachoeiras dentro do terreno e uma caminhada pelo campo que nos permitia entrar profundamente em contato com a natureza. Além disso, fiz amigos que levarei para a vida toda, pois até hoje tenho contato com os meus vizinhos de barraca desse festival. Conheci pessoas incríveis e tive experiências inesquecíveis que me levaram de volta às minhas origens, me preocupando com o básico para a minha sobrevivência e com um sentimento de empatia em relação ao próximo muito grande. Os rituais na pista de dança foram os mais intensos que já vivi até hoje, e foram os principais responsáveis pelas mudanças que aconteceram em mim durante esse tempo.

Ao final do festival, minhas preocupações à respeito da natureza, que já eram sempre presentes, aumentaram muito. Uma das mudanças que se perpetuou foi a inclusão de uma alimentação totalmente vegetariana em minha vida, que me permite estar em contato com a natureza cada vez mais, pois minha alimentação se tornou baseada em frutas, cereais, grãos e laticínios, sendo o último um desejo cada vez mais

constante de ser eliminado, e devo isso às experiências que tive ao longo dos festivais, em especial, o Kranti.

Capítulo III – A dinâmica dos festivais de música eletrônica e cultura alternativa no Brasil

Os festivais de música eletrônica e cultura alternativa proporcionam vivências em que as pessoas mudam completamente a sua rotina, dormem e acordam dentro dos mesmos, por isso tem alguns pontos-chaves para que possam ocorrer, tais como área para camping, pistas de dança, praça de alimentação, banheiros e chuveiros e espaços dedicados à cultura alternativa num geral, pontos esses que serão discutidos com mais profundidade ao longo deste capítulo.

Ao chegarmos nos festivais, encontramos uma portaria dedicada exclusiva à troca do ingresso pela pulseira. Em todos os que realizei estudo de campo, a pulseira fazia-se extremamente necessária, pois permitia que o participante entrasse e saísse do festival na hora que quisesse, e também servia para identificar possíveis pessoas que estavam dentro do festival sem terem contribuído financeiramente para isso – o que, ao meu ver, poderia ser revisto, pois acredito que são casos isolados e que devam fazer parte, independente de conseguirem a moeda de troca necessária ou não. Quando trocamos o ingresso pela pulseira, partimos em direção à revista das mochilas e equipamentos levados. Em todas as revistas, as pessoas só procuravam garrafas de vidro e armas, mais nada.

Após esse processo inicial caminha-se em direção ao festival em busca da melhor área para montar a barraca e acampar. O local de escolha do acampamento é muito importante pois dificilmente as barracas são trocadas de lugar devido ao tempo, que é precioso. Um bom lugar de camping, preferencialmente com sombra, significa noites de sono bem dormidas e facilidades próximas ao mesmo, tal como banheiros, chuveiros e alimentação.

Uma vez que a barraca já está montada e os equipamentos devidamente instalados – como colchão, capa de chuva, varal de roupas, dentre outras facilidades que são praticadas de acordo com as necessidades pessoais de cada um. Uma vez que o lugar em que o acampamento ocorrerá durante os próximos dias está definido, o participante geralmente começa a viver em comunidade dentro do mesmo.

Camping

O camping é a área do festival onde os participantes montam as barracas e dentro delas colocam seus pertences como mochilas, colchões, travesseiros e objetos pessoais. É onde vamos para dormir e algumas vezes nos reunir para conversar, descansar e realizar outras atividades, como se preparar para o dia passando protetor solar, escolhendo roupas, realizando pinturas corporais, tomando café da manhã, dentre outras atividades que cada um julgar importante para si.

A área reservada para o camping foi muito diferente em cada um dos três festivais que estão sendo estudados neste trabalho, a sua localização, facilidades que oferecem, e espaço são os pontos cruciais que as diferenciam. O Universo Paralello tinha diversas áreas de camping espalhadas por toda a área do festival, diferentemente do Ressonar, que apesar de contar com uma única área pré-determinada acabou contando com dois pontos de acampamento e do Kranti, que contava com uma enorme área exclusiva.

O camping com a melhor estrutura era, sem dúvida, o do Universo Paralello. Eram 8 espaços, sendo seis delas na parte do festival que ficava mais próximo à fazenda e ao mangue, e duas na areia da praia. Como podemos observar no mapa a seguir retirado do Fanzine, existiam, na parte do festival próximo ao mangue, três áreas para camping próximas ao Main Floor, uma área próxima à praça de alimentação, e duas mais afastadas, próximas à entrada. Já na praia, uma das áreas ficava próxima ao 303 Stage e uma entre o 303 e o Chill Out. Na área mais afastada do centro do festival, ficava o camping da empresa Overland, que aluga bangalôs e barracas com todo o equipamento necessário para a estadia.



(Área de camping do Universo Paralelo Festival 2013, foto tirada por Camila Albano, retirada da internet.)

(Espaço em que estava acampado no festival. Fotografia tirada por mim, no dia 27/12/2013)



As áreas determinadas para o campismo lá dentro estavam sempre acompanhadas de banheiros e chuveiros próximos. Os banheiros eram cabines de madeira que ficavam em sequência uma ao lado da outra e os chuveiros também eram coletivos, com uma separação por divisórias mas sem portas.



(Estrutura dos banheiros do Universo Paralelo. Fotografia por Camila Albano, retirada da internet.)



(Estrutura dos chuveiros do Universo Paralelo Festival. Fotografia por Camila Albano, retirada da internet.)

A forma de descarte dos dejetos era através de uma fossa ao fundo, com o intuito de tornar o festival cada vez mais sustentável e utilizar esses dejetos como forma de compostagem após o mesmo. Dentro dos banheiros havia uma toalha de privada normal e podíamos pegar, antes de entrar na cabine, rolos de papel higiênico com as pessoas encarregadas pela limpeza que ficavam do lado de fora. Os banheiros, no início do festival, estavam limpos, mas com o passar dos dias, a equipe responsável pela limpeza não conseguiu dar conta de tudo e ao final do festival os mesmos estavam completamente sujos e alguns deles destruídos, sem as tampas da privada.

Não existiam muitas sombras – fator primordial para uma boa noite de sono nesse festival, pois a partir das 6 da manhã já se podia sentir o calor na barraca formado pelos primeiros raios de sol – o que levou as pessoas à contratarem um serviço de montagem de uma tenda feita com folhas secas e bambus em cima das barracas, feito por pessoas locais que estavam trabalhando lá dentro.

Na edição do Ressonar de 2015, a qual tive a experiência completa e pude acampar, existia uma área principal destinada para a montagem das barracas que era perto da entrada do mesmo. Apesar disso, os participantes se espalharam e acamparam por todo o festival, e teve uma outra concentração além dessa área principal, na parte de cima da Cratera Lunar. Próxima ao Trance Temple e ao Pixie Market, essa área foi ocupada pelos participantes pois haviam chuveiros e banheiros próximos, como podemos observar no mapa a seguir.



A área pré-determinada era em meio à muitas árvores e contava com diversos espaços com sombra, o que permitiu que a experiência do acampamento fosse extremamente agradável, mesmo enquanto estava doente. Os banheiros, eram em sua maioria secos, sem nenhum tipo de apoio, apenas um buraco montado em cima de uma estrutura de madeira e serragem para jogar em cima dos dejetos após a evacuação. Além dos banheiros secos, haviam dois banheiros que utilizavam sistema de encanamento. Foi o menor festival e o menor camping, mas apesar disso a estrutura dele foi ainda melhor que a do Kranti, que falarei a seguir.

No F.A.K. – Festival Alternativo do Kranti, tinha uma área principal determinada para o acampamento. Era um campo enorme que permitia uma vista incrível das estrelas à noite, mas isso tornava as sombras pela manhã e tarde escassas. Apesar disso, não foi um fator que contribuiu negativamente para a experiência do festival. À noite fazia muito frio e era muito agradável dormir lá, o que fez com que a experiência do acampamento fosse extremamente prazerosa nesse aspecto.

A estrutura de banheiros e chuveiros do Kranti foi a pior de todos os festivais que já tive participei – inclusive os que não estão sendo destacados nesse trabalho. O público foi de, aproximadamente, 4 mil pessoas – conforme informações recolhidas na época. Apesar disso o festival contou apenas com oito banheiros e chuveiros, divididos em masculino e feminino, o que fez com que homens e mulheres tivessem apenas 4 chuveiros cada.

Esse fator contribuiu muito negativamente para a experiência do festival. Muitos amigos que estavam indo pela primeira vez em um festival de música eletrônica e cultura alternativa ficaram com uma péssima primeira impressão por isso, alguns deles não quiseram nem repetir a experiência.

Fiquei pelo menos quatro dias sem tomar banho e com acesso restrito ao banheiro para realizar necessidades fisiológicas, pois poucas vezes consegui utilizar devido ao mesmo estar cheio ou sujo. Apesar do festival ter me proporcionado experiências incríveis, este ponto me deixou extremamente cansado e irritado me

fazendo sair do festival um pouco antes que o som da pista principal fosse desligado, coisa que nunca havia acontecido antes.

Por se localizarem afastados de grandes centros urbanos e não estarem acostumados a receber um intenso fluxo de pessoas em um curto espaço de tempo, faltou água em todos os festivais e os banheiros se encontravam sujos em determinados momentos, mas nenhuma das outras experiências se comparou à essa última aqui citada, pois podíamos observar a produção do Ressonar e do Universo Paralello se importar em resolver o problema e dar satisfações ao público quando isso acontecia, diferentemente do Kranti, que só se posicionou publicamente após o término do festival, dizendo que os banheiros químicos contratados não havia chegado à tempo, o que não justifica ao ridículo número de chuveiros disponibilizados nesta edição.

Praça de Alimentação

Um ponto de grande destaque dos festivais de música eletrônica e cultura alternativa são as praças de alimentação, pois na maior parte das vezes os participantes preferem comprar suas comidas prontas à irem cozinhar. Os momentos de maior movimento nas praças de alimentação são durante a hora do almoço e do jantar, apesar de as mesmas sempre terem pessoas, seja para comer, descansar ou conversar.

A praça de alimentação com mais opções era a do Universo Paralello, e a que tinha menos opções era a do F.A.K. No Universo Paralello existiam mais de 20 barracas, sendo duas delas dedicadas exclusivamente à alimentação vegana e vegetariana, além de uma barraca de risotos, outra de strogonoff, três pizzarias, uma barraca de pastel, uma de batatas assadas, uma de água de côco, uma de churros, um restaurante à Kilo, dentre outros. Se localizava perto da pista principal, ao lado da área de camping A3.

Já no Kranti, existiam apenas 3 barracas e um restaurante à Kilo, sem nenhuma barraca dedicada à alimentação vegana e vegetariana – fator importante dentro dos festivais, pois grande parte das pessoas que frequentam adotam por esse estilo de vida. Havia apenas uma barraca que vendia sanduíches de Chapati – uma pão típico da Índia –, uma de pizzas e uma de crepes. Estava localizada ao lado da pista principal e da feira de artesanato, dentro de uma cúpula já construída anteriormente pelo hotel fazenda onde essa edição do festival foi realizada.

O Ressonar foi o festival com a praça de alimentação mais democrática e com mais opções dedicadas à alimentação vegana e vegetariana. Além do restaurante que trabalhei, haviam opções como tapioca, sucos, batatas assadas, churrasco e hambúrgueres, a maioria delas com opções sem carne no cardápio. A praça de alimentação estava acima do camping e da galeria de arte, afastada das pistas de dança.

Pistas de Dança

As pistas de dança são o carro chefe dos festivais analisados neste trabalho, são os locais onde os participantes se reúnem para rituais com o intuito de festejar ou entrar em transe a fim de estar em contato com seu *eu interior*. Diferenciam-se pelos estilos musicais tocados, a construção do line up e a decoração de cada uma delas, pontos que serão discutidos com mais profundidade ao longo dos próximos tópicos trabalhados.

Estilo musical

O estilo musical tocado nas pistas de dança varia de acordo com a escolha do produtor do festival como carro chefe das mesmas. Por exemplo, existem alguns festivais como o Ressonar em que a pista de dança principal toca ritmos extremamente acelerados como o Dark – que é um estilo com o costume de ser tocado à noite devido aos instrumentos e sons que compõe as músicas – e suas variações – como o Hi-Tech,

Prog Dark e Full-On Night – durante todo o dia, independente do horário. Isso é decidido pela produção do festival na hora da montagem do Line Up e contratação dos artistas, e influencia diretamente nas escolhas pessoais dos participantes para os momentos dos rituais que irão participar.

A presença de 5 pistas e um palco no Universo Paralello Festival é o que o torna mais diversificado e com mais DJ's e artistas. O palco principal se chama Main Floor e é o “coração do festival”, como os organizadores o descrevem no Fanzine. Toca diferentes estilos de música eletrônica, como Trance, PsyTrance, Progressive PsyTrance, Full On, Progressive Dark, Full On-Night, Dark e Hi-Tech. Os estilos são, como ditos anteriormente, divididos de acordo com os horários do dia, sendo os de maior BPM deixados para a noite e os com o BPM menos acelerado para o dia. Durante a noite, podemos ouvir o Full-On Night, o Dark, o Progressive Dark e o Hi-Tech, e durante o dia ritmos menos acelerados como o Progressive PsyTrance e o Full-On.

UP Club é o nome da segunda maior pista do festival, seja em tamanho ou em número de adeptos do estilo de som tocado. O foco da mesma é nos estilos com os BPM's muito mais baixos que os tocados no Main Floor, como o House, o Techno e suas variações, como o Deep House, o Tech House e o Progressive House. Por ser uma pista que remete aos sons tocados em boates e clubes ao redor do mundo, os DJ's de maior destaque sempre tocavam à noite, pois era a hora em que a pista ficava mais cheia. Durante o dia, a UP Club não tinha um grande número de público, exceto em alguns momentos pontuais que alguns artistas tocaram na mesma. A UP Club hoje em dia se estendeu para fora do festival, e faz turnês em todo o território do país com o nome de UP Club Tour.

A terceira pista de maior destaque é a 303 – que inclusive já teve um desdobramento para fora do festival e disso nasceu o 303 Art Festival, que teve três edições realizadas na praia de Caraíva, na Bahia, pelos mesmos organizadores do Universo Paralello. É dedicada exclusivamente à sons psicodélicos, como os tocados no Main Floor, mas com maiores influência do Goa Trance, um dos estilos pioneiros que começou nas primeiras festas Rave em Goa – Índia.

O Chill Out do Universo Paralello era uma das pistas que sempre ficava cheia, independente do momento do dia, pois lá as pessoas iam para, além de ouvir as músicas, descansar. Era um dos poucos espaços com sombra em que as pessoas podiam deitar e relaxar, além de contar com diversas redes espalhadas pelo mesmo. Um dos pontos de maior destaque do festival foi o set de Rica Amaral, um DJ de nosso país que está há muito tempo na história do trance brasileiro. Tocou músicas típicas do povo Balcã, levando aos participantes à um estado de transe e interação entre eles extremamente elevado.

A menor das 5 pistas do festival era a Tortuga, uma pista dedicada exclusivamente à fomentar novas festas que vem da cena clubber, das boates e clubes de música eletrônica. São festas pequenas e com DJ's com menor destaque e renome se comparados aos das outras pistas, mas mesmo assim atraiu diversos adeptos e foi a única pista que tocou estilos da cultura Bass, como o Trap e o Dubstep, além das festas com House e Techno que eram as atrações principais da mesma.

O Palco Paralello é o espaço do Universo Paralello onde podíamos assistir a diversos shows, desde bandas com foco em músicas que entoam mantas para transcender, como Pedra Branca, até o show de Rap e Hip-Hop do cantor Criolo, que foi o momento de maior destaque do palco – e um dos momentos de maior destaque do festival, quando quase todos os participantes foram para lá deixando o palco extremamente cheio de pessoas e de energia.

Já o F.A.K. – Festival Alternativo do Kranti contou com três pistas. Uma pista principal, dedicada ao Trance e suas vertentes, com o line up sendo construído de forma parecida com o Universo Paralello, focando em sons mais diurnos e com BPM's mais desacelerados durante o dia, e sons com BPM's mais acelerados e noturnos durante a noite – mas que não chegavam à velocidade do Dark e suas variações, tocava apenas as variações do Trance e Full-On –, uma pista para o Chill-Out e para o Low BPM, que foram divididos em músicas meditativas e de relaxamento durante o dia e o House, Techno e suas variações durante a noite, e uma pista dedicada exclusivamente ao Dark e suas variações, como o Hi-Tech e o Prog Dark, que funcionava exclusivamente durante a noite.

O Ressonar é, dos três festivais analisados, o que mais se diferencia devido ao fato da construção do Line da pista principal ser pensada de forma diferente do Universo Paralello e do Kranti, que o constroem de acordo com um senso comum à outros festivais brasileiros e estrangeiros, focando em sons mais diurnos como o Progressive Trance e o Full-On durante o dia, e sons noturnos como o Prog Dark e o Full-On Night na parte da noite. Além do Trance Temple, no Ressonar também havia um Chill Out, que tocou sons meditativos e com frequências mais baixas, a fim de relaxar os participantes, uma pista chamada Groove Station, que era dedicada ao Low BPM, com DJ's tocando House e Techno durante o mesmo e um espaço dedicado para shows com instrumentos analógicos, chamada Dharma Raj.

Decoração

A decoração é um dos pontos de grande destaque e importância dos festivais que estão sendo analisados neste trabalho, pois são elas que contribuem para que a atmosfera do mesmo fique mais completa, seja nas pistas de dança e palcos durante os rituais ou no entorno do mesmo, como nas feiras e praças de alimentação. É, basicamente, composta de diversos elementos psicodélicos com diferentes cores, símbolos e formas geométricas, a fim de chamar e prender a atenção das pessoas, e também artes que remetem à natureza, como podemos observar na foto a seguir:



(Visão aérea do Palco Paralello do Universo Paralello Festival 2013. Fotografia por Patrick Gomes, retirada da internet.)

Sobre a decoração do Universo Paralello Festival, Ana Flávia Nogueira Nascimento diz:

“... essa é criada e desenvolvida para o momento do ritual, e apresenta uma estética que envolve muitas cores símbolos e formas geométricas. A estética psicodélica serve-se de estímulos que prendem muito a atenção das pessoas, tornando-se assim uma eficiente forma de direcionar a experiência com os psicoativos.”

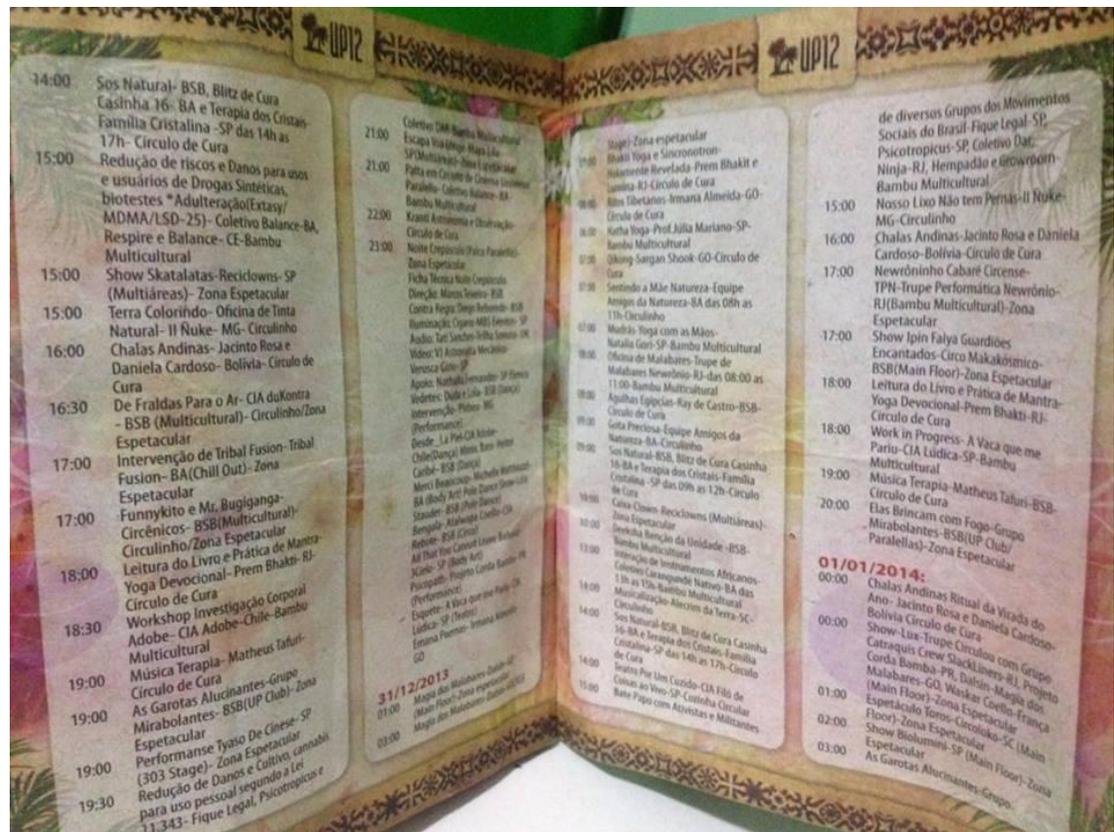
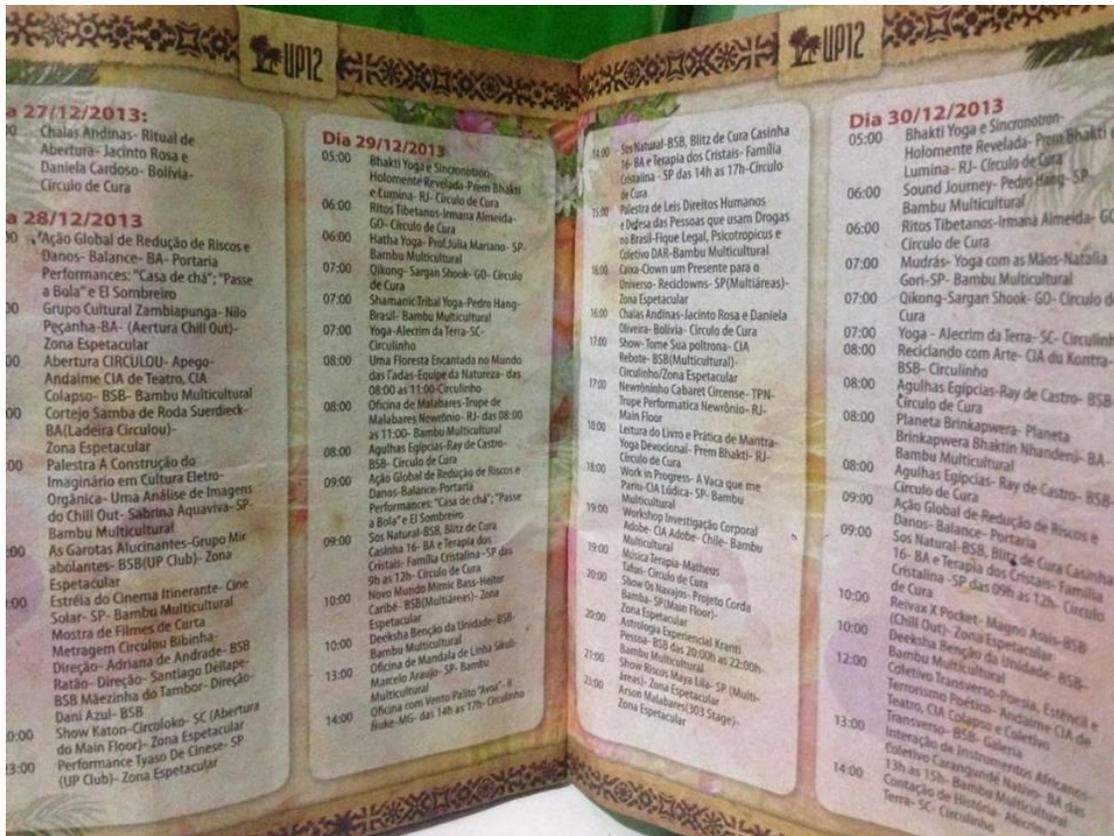
(Ana Flávia Nogueira Nascimento, Paraíso Psicodélico, 2005, pg. 12)

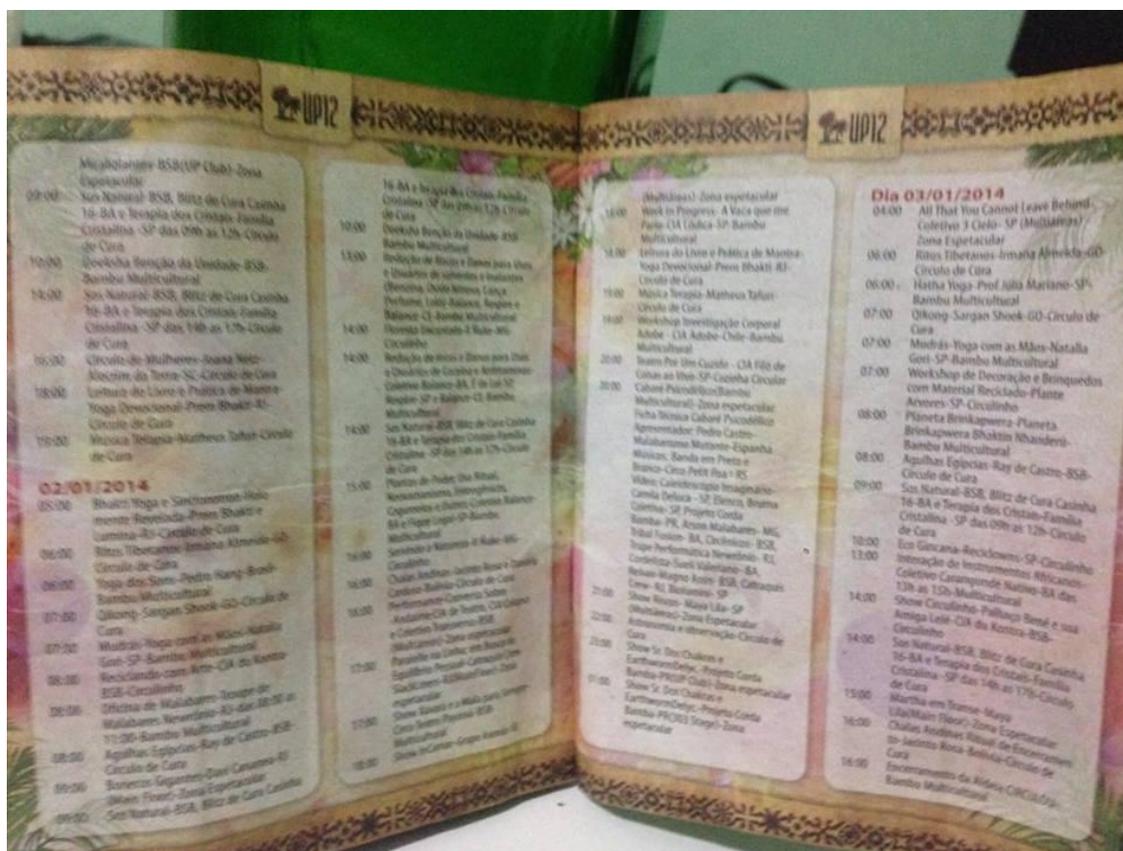
Podemos observar, com isso, que a decoração é um importante elemento que ajuda a construir a atmosfera do festival, como descrito acima. Seja com o uso de psicoativos ou não, a decoração é também uma das responsáveis por direcionar a experiência do transe na pista de dança.

Atividades

Apesar da música eletrônica ser o carro chefe dos festivais, muitos deles nem se consideram um festival de música eletrônica e cultura alternativa, como o Ressonar, que se denomina um festival de Arte e Cultura Alternativa. Nele, podemos encontrar diversas atividades como cinema, Yoga, meditação, palestras, além de galeria de arte e uma programação dedicada à crianças.

O Universo Paralello é o festival que tem mais atividades, contou com inúmeras instalações e performances artísticas, palestras à respeito de conscientização ambiental e também do uso de entorpecentes, sessões de Yoga ao nascer do Sol, Diksha – que é uma prática em que é transferida energia dos iniciados na prática para outra pessoa através da imposição das mãos na cabeça daquele que está recebendo – , oficinas de bioconstrução, de pintura corporal, diversas palestras, mostras de filmes, sessões de terapia com cristais, sessões de música terapia, shows, rituais tibetanos, slackline, oficinas de reciclagem, esquetes, workshops variados, círculos de cura, rodas de capoeira e leituras. Abaixo, uma foto com a programação da aldeia Circulou, que é onde a maior parte das atividades foi realizada.





Como podemos observar, o Universo Paralelo é um festival extremamente rico e diversificado no que diz respeito às atividades oferecidas, é o único em que podemos escolher vivenciar o festival apenas com as atividades que ele oferece, sem nos preocuparmos com as pistas de dança. Em oposição à isso, temos o Kranti, que ofereceu muito poucas – ou quase nenhuma – atividade, tanto que não há nenhuma para ser citada neste trabalho pois não obtive acesso à essa informação. O Kranti não dispôs de Fanzine, nem de programação, nem de avisos à respeito de qualquer atividade. Apesar disso, contou com uma galeria de arte, que expôs trabalhos psicodélicos – assim como o Ressonar e o Universo Paralelo – e reuniu diversas pessoas ao redor de uma fogueira localizada no meio dela.

Capítulo IV – As apropriações de culturas tradicionais e suas influências nas atualidades

Ao longo dos capítulos II e III desse trabalho, pudemos observar que os festivais de música eletrônica e cultura alternativa são lotados de atividades das mais diversas, com culturas de diferentes partes do mundo presentes. Remetem à práticas e tradições ancestrais, como as dos rituais indígenas, das técnicas de êxtase, do uso de entorpecentes, do Xamanismo, da alimentação proveniente de elementos vindo diretamente da terra, da moradia, da indumentária e da preocupação com o meio ambiente, que serão os pontos discutidos com mais profundidade ao longo deste.

As culturas tradicionais têm um papel extremamente importante no desenvolvimento do ser humano e do planeta terra, pois, em sua maior parte das vezes, são respeitadas para com o meio ambiente, estando sempre preocupadas com a questão ambiental e da sustentabilidade. O caminhar da humanidade, ao meu ver, depende do resgate de práticas ancestrais que estão intimamente ligadas à essência do ser humano, pois só assim poderemos reverter a situação caótica em que nossa natureza se encontra, como a destruição de mares e florestas para o prazer do ser humano. Um exemplo disso é a matança desenfreada de animais para o consumo de carne – que envolve diretamente também um problema de desmatamento, pois a floresta amazônica está perdendo grande parte de seu território para a agropecuária, como podemos observar no documentário “Cowspiracy”, que retrata intimamente essa relação.

A alimentação com elementos que vem diretamente da terra, sem nenhum tipo de morte ou exploração animal envolvida é um dos temas que serão trabalhados nesse capítulo, pois enxergo que os alimentos que vem da terra são a forma mais tradicional de alimentação que temos. É um presente da natureza para a gente, estão ali desde que o mundo é mundo, para que possamos obter os nutrientes necessários para nossa sobrevivência sem que precisemos matar algum animal, a menos que isso seja um caso de extrema necessidade em que não temos acesso à tal tipo de alimentos – coisa que, atualmente só é possível devido ao fenômeno da globalização, que apesar de

criticado algumas vezes tem também um fator extremamente importante como esse, o da difusão da informação.

Todas as escolhas que fazemos têm uma influência direta no caminhar da humanidade e do mundo. Cada pensamento, cada forma de agir, influenciam diretamente no que acontece ao nosso redor, isso é chamado Karma. Pretendo que esse trabalho seja um direcionador para mostrar que as culturas tradicionais, apesar de muitas vezes consideradas arcaicas, estão intimamente ligadas à essência do ser humano pois são repetidas até hoje, só que de formas diferentes, pois passaram por um processo de transformação ao longo dos anos, fazendo com que muitas delas se tornassem mais informatizadas, como os rituais que são realizados nas pistas de dança dos festivais, que não são realizados com instrumentos físicos, mas sim, eletrônicos.

A Alimentação

A alimentação atualmente é um quesito que está sendo extremamente discutido por diversas pessoas ao redor do mundo, há uma intensa e nova forma de preocupação com o que comemos por parte de um certo grupo de pessoas, que estão em busca seja de uma alimentação mais saudável e mais respeitosa ao corpo, mais respeitosa aos animais e à natureza.

Nos festivais de música eletrônica e cultura alternativa, a alimentação é um ponto sempre extremamente levantado e discutido pois a maior parte das pessoas e participantes, por terem filosofias que são oriundas do movimento Hippie, querem a expansão da consciência. Essa expansão, no que diz respeito à alimentação, está intimamente ligada à presença dos animais como forma de comida, seja com a sua carne ou o fruto da exploração desenfreada dos mesmos dando origem aos derivados de animais, como o leite, ovos e mel.

O debate sobre a alimentação vegana e vegetariana está extremamente em alta atualmente, como podemos observar por algumas pessoas consideradas “ícones” da mídia, um exemplo é a cozinheira e nutricionista Bela Gil, que tem um programa em um

canal pago de televisão voltado para uma alimentação mais saudável, sustentável e vegetariana que valoriza os produtores locais. Apesar dela não ter uma alimentação estreitamente vegana ou vegetariana – pois consome carne e derivados de animais –, a maior parte das receitas que ela passa adiante são dessa origem, o que releva a importância da mesma na difusão dessa cultura.

Como observado acima, a alimentação por vegetais, legumes, grãos e minerais está sendo aderida cada vez mais por diversas pessoas, e tornando esse um movimento cada vez maior, que luta pela não-exploração e morte de animais indefesos. Já está provado pela ciência – e também por experiência própria, oriunda do fruto da conscientização obtida nos festivais analisados neste trabalho – que os animais não são necessários para a sobrevivência do ser humano.

Com a globalização e a troca, atualmente temos acesso à informações que nos permitem ter uma alimentação equilibrada, com todos os nutrientes necessários vindo de alimentos exclusivamente vegetarianos ou veganos. A única preocupação do vegetarianismo é a deficiência da vitamina B12, que até pouco tempo era encontrada na quantidade suficiente apenas em alimentos de origem animal mas, atualmente, pode ser facilmente encontrada sintetizada.

A alimentação vegana e vegetariana é uma das mais antigas do mundo e a presença da carne na nossa vida é algo extremamente atual, como podemos observar nessa citação de Colin Spencer no livro *Vegetarianism: A History, Four Walls, Eight Windows*:

“O Homem pré-histórico era principalmente vegetariano e, se comprimirmos toda a evolução da humanidade na vida de uma pessoa de 70 anos, o consumo de carne só aparece nos últimos nove dias.”

(Colin Spencer, *Vegetarianism: A History, Four Walls Eight Windows*, 2002, p. 20)

Podemos observar, com isso, que a alimentação proveniente da terra – sem morte ou exploração de animais – é o que podemos chamar de uma cultura tradicional, pois está intimamente ligada à formação do ser humano, está em nossas raízes.

A Liberdade do Corpo e Mente

Começo este tópico com a frase que encerra o artigo “Paraíso Psicodélico”, que retrata um estudo de campo realizado no festival Universo Paralello com foco no uso de substâncias psicoativas, escrito por Ana Flávia Nogueira Nascimento:

“Cabe dizer que o uso de substâncias psicoativas nos Festivais de Trance Psicodélico dizem respeito à liberdade de experimentar o corpo, a mente e o espírito em suas diversas possibilidades.”

(Ana Flávia Nogueira Nascimento, Paraíso Psicodélico, 2005, pg. 25)

Se há uma palavra para definir os festivais de música eletrônica e cultura alternativa essa palavra é liberdade, pois lá dentro somos livres para fazer tudo aquilo que desejamos, a menos que seja uma coisa que atinja diretamente o próximo de uma maneira negativa para ele ou o coletivo. A busca pela liberdade do corpo e da mente era algo que sempre foi buscado pelo movimento Hippie, que é um dos movimentos formadores do trance e que está intimamente ligado aos organizadores desses festivais, pois a maioria deles é fruto dessa época.

“Depois de muito trabalho feito com coração, os “neo-hippies” mostraram uma arte evoluída, fruto de um longo processo que vem desde os anos 60 e 70 com o movimento hippie, quando os jovens se rebelaram

contra a sociedade e reivindicaram a extensão dos direitos de livre-disposição do corpo e de autonomia sobre si próprio.”

(Ana Flávia Nogueira do Nascimento, Paraíso Psicodélico, 2005, pgs. 1 e 2)

Dentro dos festivais de música eletrônica podemos observar que a liberdade do corpo existe pois a maioria das pessoas ali anda quase sem roupas, isso nos permite quebrar paradigmas e estereótipos, pois existem pessoas das mais variadas e todas elas têm uma coisa em comum que é o respeito ao próximo. Lá dentro andamos sem nos preocupar com aquilo que o próximo vai pensar ou não, pois estão todos ali com um único intuito, o de celebrar e se elevar espiritualmente, sem se preocupar com quaisquer assuntos diretamente relacionados ao ego.

Existem, também, muitas pessoas que andam completamente sem roupas – o que, na sociedade e cidades em que vivemos atualmente pode ser considerado crime, como ataque ao pudor. Com isso, vemos que as leis dentro desses lugares funciona diferente, são estabelecidas na base do respeito à natureza e ao próximo. Se nascemos pelados, isso é algo que é natural do ser humano, e se é natural do ser humano não há motivos para que isso seja tratado com estranhamento.

Uma das coisas que também funciona extremamente diferente lá dentro são o uso de entorpecentes dos mais diversos, a maioria deles proibida aos olhos da atual legislação brasileira, ponto que será discutido com mais profundidade a seguir.

O uso de entorpecentes

O uso de psicoativos e entorpecentes nos festivais é extremamente comum e corriqueiro, há muitos poucos – senão nulos, momentos nas pistas de dança em que não estejam acontecendo o consumo de substâncias das mais variadas, sejam elas

provenientes da natureza ou de fórmulas químicas concebidas pelo ser humano moderno.

A maconha é, apesar de ilegal sob os olhos da vigente legislação, a planta mais consumida dentro dos festivais de música eletrônica e cultura alternativa. A cultura da maconha está presente em diversos lugares ao redor do mundo – seja na Europa que temos a famosa cidade de Amsterdã em que a maconha é legalizada mesmo em seu uso recreativo, ou nos Estados Unidos, em que o uso medicinal da mesma é permitido – e isso é um fator contribuinte para que seja a planta em que ocorre o maior consumo lá dentro, pois além de ser uma substância extremamente conhecida e difundida, existem diversas pessoas de diversas partes do mundo que trazem consigo uma bagagem diferente à respeito do que entendem sobre a Cannabis.

“Dentre as substâncias utilizadas pelos participantes que são consideradas enteogênicas encontraram-se o cacto São Pedro, o Peiote (mescalina), cogumelos, várias espécies de cannabis, a ayahuasca (chá) e também o DMT sintetizado.”

(Ana Flávia Nogueira do Nascimento, Paraíso Psicodélico, 2005, pg. 6)

Além da cannabis, existem diversas outras plantas psicoativas que são também utilizadas pelos participantes, como podemos observar no trecho supracitado, e as drogas sintéticas se fazem também extremamente presentes e o uso delas é também muito comum à todos os participantes. As principais substâncias utilizadas são o MDMA, que é o princípio ativo do comprimido de Ecstasy e o LSD, uma substância química psicoativa comumente conhecida como ácido, que foi descoberta por acaso por Albert Hoffmann e se tornou um dos ícones da cultura Hippie.

O consumo das substâncias psicoativas, ao meu ver, permite que o ser humano experimente uma espécie de expansão da consciência e de sensibilização à respeito

do momento em que está vivendo, o que nos leva à refletir sobre nossas atitudes para conosco, com o próximo, com o meio em que vivemos e com a natureza. Esse é um ato extremamente tradicional e praticado há incontáveis anos por diversos povos ancestrais, como os índios.

“As práticas xamânicas que incluem em seus rituais o uso cerimonial de enteógenos são de tradição imemorial e continuam correntes entre diversos povos indígenas do continente americano, assim como entre membros da população rural mestiça ou cabocla, sendo que a partir de tempos mais recentes foram adotadas por membros das camadas médias urbanas, como vem acontecendo “por exemplo” nos festivais de trance psicodélico”.

(Ana Flávia Nogueira do Nascimento, Paraíso Psicodélico, 2005, pg. 6)

Com isso, podemos concluir que o uso de substâncias psicoativas é feito desde tempos em que não podemos medir com o calendário que utilizamos atualmente, o que torna isso uma das culturas tradicionais presentes nos festivais de música eletrônica e cultura alternativa.

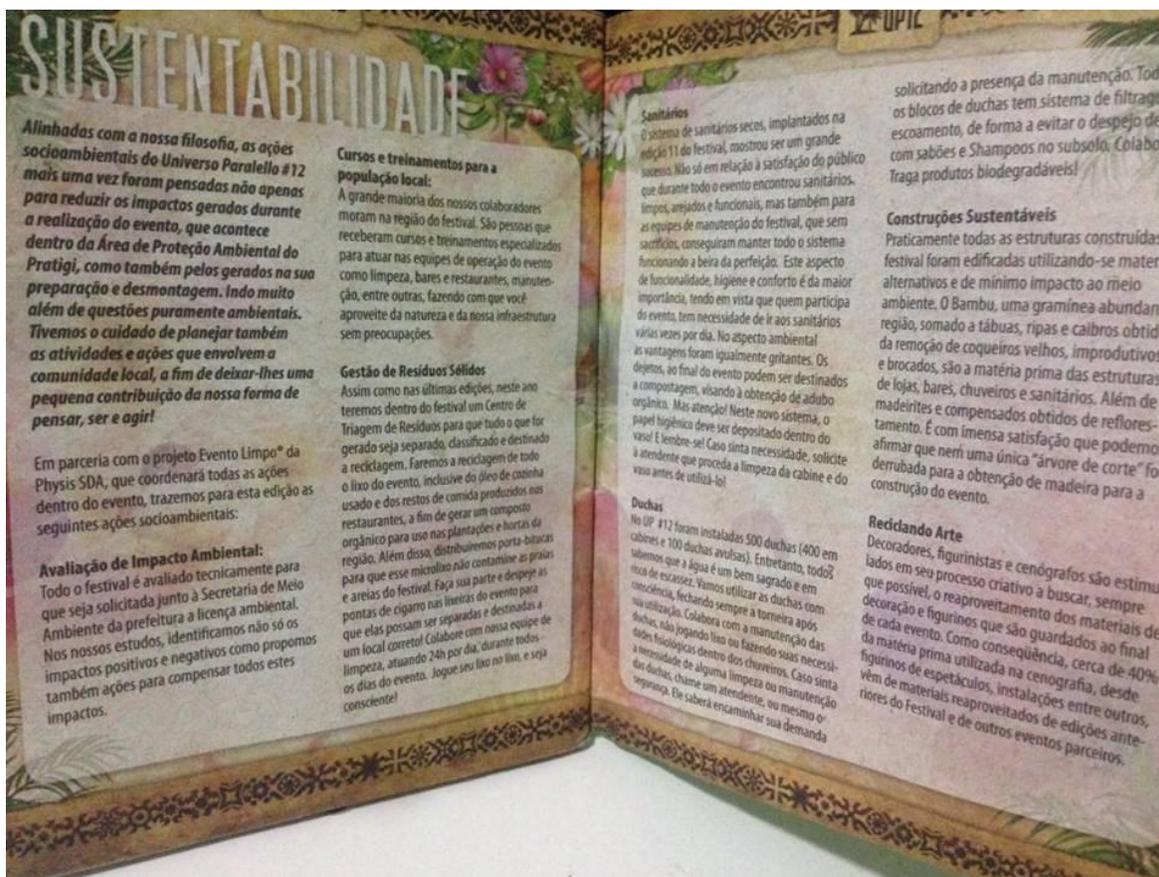
A natureza e o meio ambiente

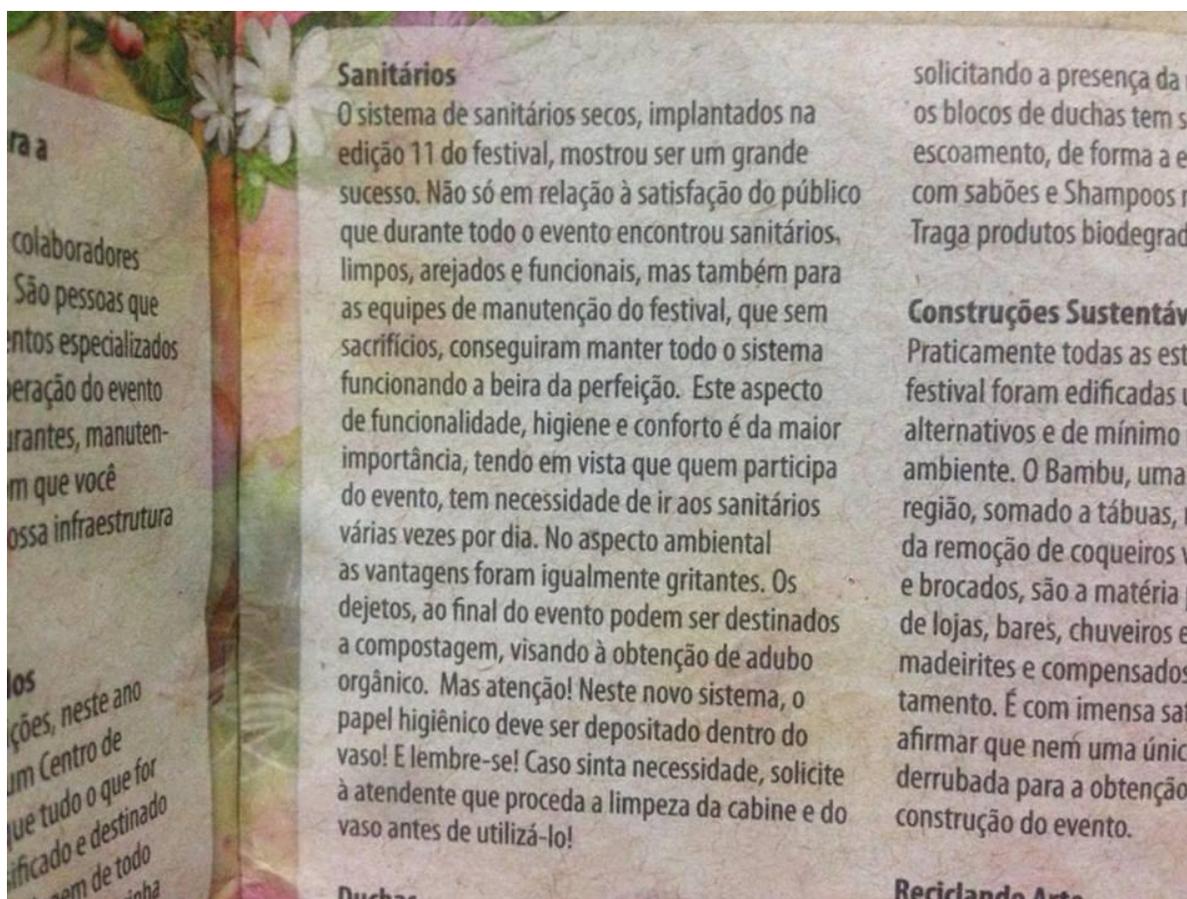
Os festivais de música eletrônica e trance psicodélico têm um importante papel na luta pela preservação da natureza, pois estão muito próximos à temas como a sustentabilidade, fator que podemos observar nas palestras que alguns deles organizam e também na forma como lidam com os banheiros, chuveiros, estrutura, alimentação e todos os fatores que envolvem a produção e construção dos mesmos.

No Universo Paralelo Festival e no Ressonar Festival, pude observar que os banheiros e chuveiros eram sustentáveis, construídos especialmente para aquela ocasião com materiais extraídos diretamente da natureza, como bambus e madeiras. Ambos os banheiros eram ecológicos e prezavam pela diminuição de danos. Abaixo um texto retirado do fanzine do Universo Paralelo Festival, que tem duas páginas inteiras dedicadas exclusivamente à Sustentabilidade:

“Os dejetos, ao final do evento podem ser destinados a compostagem, visando à obtenção de adubo orgânico.”

(Fanzine da 12ª edição do Universo Paralelo Festival, página 59)





(Fotos tiradas por mim da parte de Sustentabilidade do Fanzine do Universo Paralelo 2013.)

Com isso, notamos que a questão ambiental é diretamente tratada pelos organizadores desse festival em específico – e também do Ressonar, como pude observar. Mas diferentemente dos dois primeiros festivais citados, o F.A.K. não teve uma preocupação tão grande à respeito desse assunto, pois os banheiros e chuveiros não eram ecologicamente amigáveis.

Além da estrutura, o Universo Paralelo e o Ressonar tiveram espaços dedicados à palestras e workshops de conscientização ambiental, além de construções sustentáveis, artes recicladas das edições anteriores e uma equipe de estação de resíduos sólidos estava presente no Universo Paralelo a fim de que todo o lixo produzido no festival fosse reciclado.

A preocupação com a natureza é algo inerte ao ser humano, caso o mesmo queira continuar vivendo. Sem a natureza não há vida, e é isso que torna, ao meu ver,

a preservação da natureza a cultura mais antiga presente nos festivais de música eletrônica e cultura alternativa, pois é um aspecto básico da sobrevivência do ser humano.

A moradia

Durante os dias em que os participantes dos festivais de música eletrônica e trance psicodélico estão vivendo lá dentro suas moradias são barracas – em sua maioria frutos de uma intensa pesquisa físico-científica por parte de pessoas e empresas especializadas, para chegar aos moldes de uma barraca própria para o acampamento com as condições climáticas enfrentadas no atual momento que passamos.

Seguindo os moldes do exercício comparativo feito por Lévi-Strauss no capítulo XIII do livro “Antropologia Estrutural”, em que ele compara o grafismo indígena com a cerâmica chinesa, a comparação que podemos fazer nesse aspecto é a da vivência dos índios em ocas, que permite que o ser humano durma mais próximo à terra e entre em contato maior com a natureza, o que nos remete à uma prática extremamente tradicional, de dormir mais perto e em contato com a natureza. Outro fator de destaque e que podemos relacionar à uma cultura tradicional é que ao acampar estamos suscetíveis à diversos fatores climáticos, como chuvas em que a barraca pode não aguentar e isso nos remete à um conceito de sobrevivência, pois muitas das vezes a não-proteção da chuva pode trazer danos à nossa saúde, como gripes, febres e resfriados.

Além do contato íntimo com a natureza, acampar nos permite também experimentar uma nova forma de convivência em comunidade, pois acabamos conhecendo e fazendo amizade com nossos novos vizinhos. A convivência em comunidade é, também, uma das práticas mais antigas do homem, como podemos observar em diversas civilizações antigas como as dos Índios, Maias e Egípcios, que eram – são, no caso dos índios – sociedades que viviam com uma certa organização social definida.

A indumentária

Apesar de muitos andarem com poucas vestimentas durante o dia, podemos observar que os participantes dos festivais de música eletrônica e trance psicodélico, por terem suas raízes ligadas à cultura Híppie, adotaram alguns pontos da indumentária dos mesmos tal como o uso de roupas com panos multicoloridos – muitas vezes produzidos com a técnica Tie-Dye – diversos acessórios como pulseiras, anéis e cordões feitos manualmente. Existem muitas pessoas que ainda seguem a filosofia Híppie do trabalho manual à risca, alguns fazem do festival um lugar para a venda desses acessórios, o que não deixa de ser uma forma de propagação dessa cultura.



(Camisetas Tie-Dye à venda no Universo Paralello Festival 2013. Foto por Nakatinha, retirada da Internet.)

Além de certos elementos da cultura Híppie, podemos observar que certas apropriações de culturas tradicionais indígenas também estão presentes, como o uso de cocares e acessórios produzidos com penas e peles de animais.



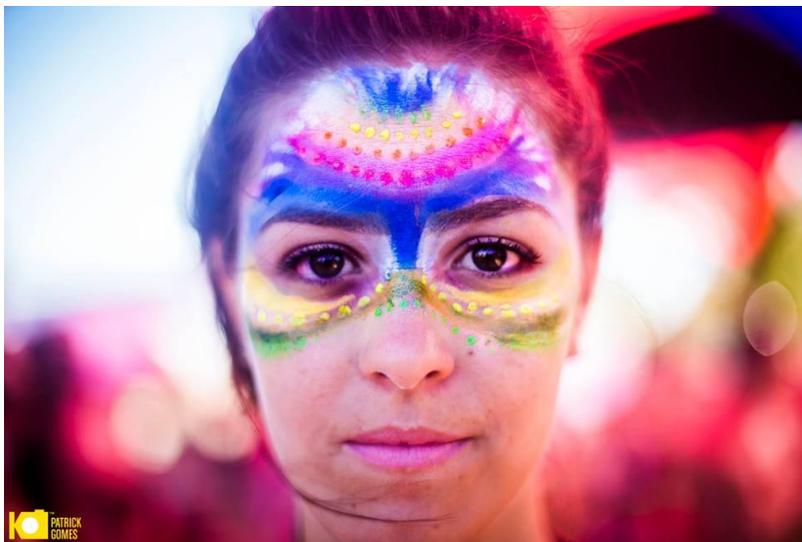
(Índio vendendo adereços no Universo Paralelo Festival. Foto por Nakatinha, retirada da internet.)

A pintura corporal é um dos pontos de maior destaque no que diz respeito à apropriação, pois está presente na indumentária indígena e também nos festivais de música eletrônica e cultura alternativa, com o uso de corantes naturais para compor a mesma – tal como o urucum, uma planta de forte pigmentação vermelha que é usada também na culinária. No festival existem também povos indígenas tradicionais que realizam pinturas corporais nos participantes, como forma de propagação da cultura e obtenção de renda.



(Pintura corporal tradicional sendo feita em uma criança no Universo Paralelo Festival 2013. Foto por Victor Ventura, retirada da Internet.)





(Pintura facial feita em participante do Universo Paralello Festival. Foto por Patrick Gomes, retirada da Internet.)

As técnicas de êxtase

O principal ponto da pista principal de um festival de música eletrônica e cultura alternativa é o estado mental em que as pessoas são transportadas naquele momento, na maior parte das vezes um transe total. O transe só é possível devido às batidas eletrônicas repetitivas das músicas tocadas, que em muito se assemelham às batidas marcadas dos tambores xamânicos, como podemos observar no trecho a seguir, retirado da tese de Doutorado de Pedro Peixoto Ferreira, que retrata com profundidade as técnicas contemporâneas do êxtase a partir de uma análise entre a música eletrônica e o Xamanismo.

“Em outras palavras, quanto mais exclusivamente voltada para a experimentação consistente com os estados de transe específicos à música eletrônica de pista (e quanto menos voltada para a expressividade individual), mais xamânica tende a ser uma música.”

(Pedro Peixoto Ferreira, Música Eletrônica e Xamanismo: técnicas contemporâneas do êxtase, 2006, pg. 251)

Ou seja, podemos observar que a música eletrônica pode ser comparada à música tradicional indígena, fazendo dela uma apropriação de uma cultura tradicional. Cabe informar também que, em alguns casos, o transe é facilitado pelo uso de substâncias psicoativas, e como já citado anteriormente, é uma cultura há muito presente no ser humano e em diversas sociedades, tornando esse aspecto também um ponto a ser considerado apropriado.



(Tribo Indígena na pista principal (Main Floor) do Universo Paralello Festival 2013. Foto por Victor Ventura, retirada da Internet.)

O Xamã e o DJ

Assim como nos rituais indígenas em que o Xamã conduz um ritual, os participantes dos festivais também são guiados por uma pessoa, nesse caso o DJ. O DJ é o responsável pela condução da pista de dança e tem como objetivo fazer com que o participante se sinta bem consigo mesmo, que desperte dentro de si uma nova consciência, saindo da experiência de estar na pista com uma nova percepção para que suas ações reflitam de forma positiva no mundo. Este tópico busca fazer uma comparação entre o Xamã e o DJ, seguindo os moldes comparativos usados por Lévi-Strauss em Antropologia Estrutural.

Nos rituais praticados pelos índios, os participantes encontram-se em estados meditativos e de transe, em que buscam engrandecer-se enquanto seres humanos e tornarem-se “guerreiros” cada vez mais fortes para enfrentar quaisquer adversidades que apareçam. Um dos principais fatores responsáveis pelo estado de transe do ser humano é a música, seja ela realizada através dos instrumentos eletrônicos do DJ ou dos instrumentos manuais do Xamã.

“A música, o cantar, o executar os instrumentos tem caráter invocatório. Os instrumentos principalmente, têm o papel de atingir a escuta os deuses “lá” em sua morada. A essa escuta eles respondem com o envio de seus batedores ou mensageiros (*yvyra 'ija kuéra* ou *tembiguáís kuéra*), que vêm assistir os cantos e as danças e retornam para informá-los de quão alegres (*ovy' a*) estão os habitantes da Terra.”

(Através do *Mbaraka: Música e Xamanismo Guarani* – Deise Lucy Oliveira Montardo, página 32)

É através da música, principalmente, que os participantes de ambos os rituais se unem. A música é uma linguagem universal, as batidas sejam elas dos tambores ou dos baixos e graves de uma caixa de som, são sentidas e absorvidas pelo ser humano,

invocando diversas sensações no mesmo. A batida constante de um tambor assim como a batida constante de um *kick* na música eletrônica provocam no participante um estado de transcendência, que permite que o mesmo permaneça dançando enquanto julgue necessário.

Quando analisei os rituais dos índios Guarani descritos por Deise Lucy Oliveira Montardo em “Através do *Mbaraka*: Música e Xamanismo Guarani”, pude notar que os rituais realizados por essa tribo em específico lutam pela manutenção e preservação do planeta terra como um todo, e não só à curas individuais do ser humano, como muitas vezes são as práticas realizadas pelos Xamãs.

“Quando se fala em Xamanismo, a primeira imagem que vem a mente é a de um homem realizando uma cura. Quero ressaltar que essa imagem não corresponde à ênfase do Xamanismo Guarani, que recai no ritual coletivo, cotidiano de caráter mais profilático ou de uma cura ampla, que abrange a própria Terra.”

(Através do *Mbaraka*: Música e Xamanismo Guarani – Deise Lucy Oliveira Montardo, página 30)

Ao observamos o foco dos rituais Guarani – que lutam pelo coletivo e não pelo individual, vemos que tais práticas recaem diretamente ao planeta em que vivemos e o modo de pensamento dessa sociedade está intimamente ligado aos ideais que os festivais de música eletrônica e trance psicodélico prezam, tais como a preservação do meio ambiente e a vivência em comunidade que foram discutidos com mais profundidade nos capítulos acima.

A confraternização e o sentimento de unidade

A confraternização entre as pessoas que estão nos festivais de trance psicodélico é um dos pontos de maior destaque neste trabalho, pois a maior parte

dessa vivência – tirando os momentos individuais, como o de transe na pista de dança – é baseada no convívio com outros seres humanos organizado de forma comunitária. Estão todos ali compartilhando o mesmo sentimento e as mesmas vontades, a vontade de lutar por uma mudança na atual forma de comportamento em sociedade do ser humano, para que o mesmo venha a ser mais respeitoso e tolerante consigo mesmo, com o próximo e com o meio ambiente em que vive.

Apesar disso, existem críticas que devem ser feitas à respeito da experiência individual de cada um na vivência em comunidade. Isso pode acarretar na perda de uma identidade própria do ser humano, pois ele se sente tão acolhido e protegido que acaba “se deixando levar” e esquecendo da autonomia de seus pensamentos e crenças, se baseando naquilo que a comunidade acredita. Sobre isso, Zygmunt Baumann diz:

“... há um preço a pagar pelo privilégio de ‘viver em comunidade’. O preço é pago em forma de liberdade, também chamada ‘autonomia’, ‘direito à auto-afirmação’ e à ‘identidade’. Qualquer que seja a escolha, ganha-se alguma coisa e perde-se outra. Não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade.”

(Zygmunt Baumann, Comunidade: a busca por segurança no mundo atual, 2003, p.10)

Temos que ter cuidado para que não esqueçamos de tudo aquilo que nós lutamos à favor e não enxerguemos uma certa comunidade ou vivência como a salvação de todos os nossos problemas.

Em suma, como aprendi ao longo dos anos, não podemos deixar que os festivais de música eletrônica e cultura alternativa nos deixem acreditar que são um “universo perfeito” em que todos lutam pelos mesmos valores que os seus, pois, por

mais que as ideologias que eles propaguem sejam as ideologias que acredito serem algumas das melhores para uma convivência harmoniosa do ser humano existem muitas falhas, tanto dos participantes quanto dos organizadores, que devem ser discutidas e levantadas, tal como a sujeira deixada nas pistas de dança ao final do Univers Paralello. Encontramos muitos chinelos abandonados, garrafas, dentre muitos outros lixos deixados pelos participantes.

Isso mostra que muitos participantes ainda não têm um senso comunitário e nem uma consciência à respeito da natureza tão grande, pois o lixo gerado não é descartado de forma correta. A reflexão que isso traz é que para mim não existe perfeição, o que existe é a constante busca por uma evolução e mudança, e é por isso que acredito que apesar de todos os pontos positivos que esses festivais carregam, certas críticas, como essa, devem ser feitas.

Conclusão

Como observado ao longo deste trabalho, algumas práticas ditas tradicionais estão presentes nos festivais de música eletrônica e cultura alternativa, como a prática dos rituais de dança – que também são praticados pelos Índios Guarani com o intuito de manutenção da terra. (Fonte: Deise Lucy Ferreira. **Através do mbaraka**: música e xamanismo Guarani)

Com isso, podemos concluir que os festivais de música eletrônica e cultura alternativa têm um importante papel no que diz respeito à manutenção e preservação de práticas culturais presentes há muito tempo na história, tal como as descritas no capítulo IV, pois atividades tradicionais como alimentação, a manutenção da natureza, os rituais, a indumentária, a moradia e também a liberdade de corpo e mente à respeito de do uso de substâncias psicoativas ilegais sob a vigente legislação brasileira estão presentes em todos os festivais analisados ao longo deste trabalho.

Uma das tradições que é mais respeitada nos festivais é a da vivência em comunidade e em harmonia com o meio ambiente, e isso traz questões ligadas diretamente ao fenômeno da globalização, pois através da troca de informações, as mesmas chegam à diversas partes do mundo e atraem pessoas de todos os lugares em busca de um ideal comum de convivência em comunidade harmoniosa. Isso nos leva diretamente à uma reflexão de um pensamento filosófico chamado Cosmopolitismo, em que o homem despreza as fronteiras geográficas impostas pelo homem.

"Atitude ou doutrina que prega a indiferença ante a cultura, os interesses e/ou soberanias nacionais, com a alegação de que a pátria de todos os homens é o Universo"

(Dicionário eletrônico Aurélio)

O Cosmopolitismo

"A política colonialista na América pautou-se pela subjugação e integração dos povos que ia encontrando. A subjugação cultural e econômica consistia em promover uma integração forçada, religiosa e econômica. Ou isso, ou a destruição."

(Boaventura de Sousa Santos, Reconhecer para libertar, 2003, pg. 77)

Partindo do pressuposto que a colonização dos povos Americanos foi pautada em uma integração forçada no que diz respeito à religião e economia, podemos concluir que a cultura de massa é formada, basicamente, por aspectos econômicos e religiosos impostos por pessoas que chegaram querendo impor um modelo de sociedade em que acreditavam ser bom, desrespeitando completamente o direito de individualidade de certos povos e culturas.

O cosmopolitismo é um conceito que está, de certa forma, presente nos festivais de música e eletrônica e cultura alternativa pois os mesmos prezam pela integração de pessoas de diferentes lugares do mundo, com origens culturais diferentes. Isso desconstrói o conceito de soberanias nacionais, da cultura de um certo país, e coloca em jogo uma cultura universal, de união.

A união por um bem comum é, ao meu ver, uma das coisas mais importantes pelas quais os festivais lutam, pois acredito no planeta Terra como unidade e é uma das filosofias passadas à frente por ele. Nós fazemos parte e devemos nos integrar ao lugar que vivemos, lutando por e pela preservação do mesmo, de forma que possamos continuar existindo e evoluindo cada vez mais.

Acredito que temos que fazer isso sem deixar de lado nossa individualidade e defendendo aquilo que acreditamos que poderá contribuir para o mundo, pois a

hegemonia cultural que temos hoje em dia é fruto da sociedade em que vivemos, e precisamos lutar contra isso.

Referências Bibliográficas

MONTARDO, Deise Lucy Ferreira. **Através do *mbaraka***: música e xamanismo Guarani. São Paulo: USP, 2002.

BAUMANN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar**. Os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: Um Conceito Antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1986.

ZALUAR, Alba. **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

LÓSSIO, Rúbia Aurenívea Ribeiro; PEREIRA, Cesar de Mendonça. **A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local**. Salvador, Bahia: III ENECULT, 2007.

FERREIRA, Pedro Peixoto. **Música Eletrônica e Xamanismo**: técnicas contemporâneas do êxtase. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2006.

FERREIRA, Pedro Peixoto. **Algumas considerações sobre o estudo das relações entre música eletrônica e xamanismo**. Rio de Janeiro: NUTI - Núcleo de Transformações Indígenas, UFRJ, 2005.

NASCIMENTO, Ana Flávia Nogueira. **Paraíso Psicodélico**. Rio de Janeiro: NEIP – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos, 2005.

CARNEIRO, H. (2005). **A odisséia psiconáutica**: a história de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativas. Em B. C. Labate & S. L. Goulart (Orgs.), **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

SPENCER, Colin. **Vegetarianism: A History, Four Walls Eight Windows.** 2002.
Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lexicon Informática, 1996.

ANEXO I



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 01/04/2016

Eu, **GABRIEL NAJHAR DA COSTA**, CPF 109.430.337-21, formando(a) do curso de graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada “**APROPRIAÇÕES DE CULTURAS TRADICIONAIS NOS FESTIVAIS DE MÚSICA ELETRÔNICA E CULTURA ALTERNATIVA**” defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF.



GABRIEL NAJHAR DA COSTA